

E SE O SEU FUTURO FOSSE O PASSADO?

OUTLANDER

A VIAJANTE DO TEMPO

LIVRO 1



3ª temporada
de Outlander
exclusiva no

 PREMIUM
APP & TV

DIANA GABALDON



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

*À memória de minha mãe,
que me ensinou a ler –
Jacqueline Sykes Gabaldon*

Pessoas desaparecem o tempo todo. Pergunte a qualquer policial. Melhor ainda, pergunte a um jornalista. Os desaparecimentos fazem parte do dia a dia deles.

Adolescentes fogem de casa. Crianças desgarram-se dos pais e nunca mais são vistas. Donas de casa chegam ao limite da paciência, pegam o dinheiro das compras e um táxi para a estação de trem. Banqueiros internacionais mudam de nome e desaparecem na fumaça de seus charutos importados.

Muitos dos desaparecidos serão encontrados, por fim, vivos ou mortos. Afinal, os desaparecimentos têm explicação.

Quase sempre.

PARTE I

Inverness, 1945



RECOMEÇO

Não era um lugar muito provável para desaparecimentos, ao menos à primeira vista. A pousada da sra. Baird era igual a milhares de outros estabelecimentos que ofereciam hospedagem e café da manhã nas Terras Altas, a região montanhosa da Escócia, em 1945 – limpa e tranquila, com papel de parede floral desbotado, assoalhos reluzentes e um aquecedor de água operado com moedas no banheiro. A sra. Baird era atarracada e afável, e não fazia nenhuma objeção ao fato de Frank cobrir sua minúscula sala de visitas decorada com raminhos de rosas com as dezenas de livros e papéis com que ele sempre viajava.

Encontrei a sra. Baird no vestibulo quando eu estava saindo. Ela me parou, pôs a mão rechonchuda em meu braço e deu leves toques nos meus cabelos.

– Nossa, sra. Randall. Não pode sair desse jeito! Vamos, deixe-me ajeitar aqui um pouco para você. Pronto! Assim está melhor. Sabe, minha prima estava me falando de um novo permanente que ela fez, fica lindo e dura que é uma beleza. Talvez devesse experimentar esse tipo da próxima vez.

Não tive coragem de lhe dizer que a rebeldia dos meus cachos castanho-claros era obra exclusiva da natureza e não devida a qualquer negligência por parte dos fabricantes de permanente. Suas próprias ondas firmemente marcadas não sofriam de tal perversidade.

– Sim, farei isso, sra. Baird – menti. – Só estou indo à vila me encontrar com Frank. Voltaremos para o chá.

Saí apressadamente antes que ela pudesse detectar quaisquer outros defeitos em minha aparência indisciplinada. Após quatro anos como enfermeira do Exército britânico, eu estava livre de uniformes e restrições, cedendo ao desejo de usar vestidos leves de algodão, vivamente estampados, totalmente inadequados para as acidentadas caminhadas através das urzes.

Não que eu tivesse originalmente planejado fazer muitas dessas caminhadas; meus pensamentos estavam mais voltados para dormir até tarde todas as manhãs e passar longas tardes preguiçosas na cama com Frank – e não para dormir. Entretanto, era difícil manter o adequado estado de espírito lânguido e romântico com a sra. Baird passando o aspirador de pó minuciosamente do lado de fora do nosso quarto.

– Esse deve ser o pedaço de tapete mais sujo de toda a Escócia – observara Frank naquela manhã enquanto estávamos na cama ouvindo o ronco feroz do aspirador de pó no corredor.

– Quase tão sujo quanto a mente da proprietária – concordei. – Talvez devêssemos ter ido para Brighton, no fim das contas.

Escolhemos as Terras Altas como roteiro de férias antes de Frank assumir o cargo de professor de história em Oxford, considerando que a Escócia de certa forma fora menos atingida pelos horrores físicos da guerra do que o resto da Grã-Bretanha e estava menos suscetível à frenética alegria pós-guerra que contagiava pontos turísticos mais populares.

Mesmo sem discutir o assunto, acho que nós dois sentimos que era um local simbólico para restabelecermos nosso casamento. Nós nos casamos e passamos uma lua de mel de dois dias nas Terras Altas, pouco antes da deflagração da guerra sete anos atrás. Um refúgio tranquilo onde pudéssemos redescobrir um ao outro, pensamos, sem perceber que, enquanto o golfe e a pesca são os esportes ao ar livre mais praticados da Escócia, a fofoca é o esporte de salão mais popular. E do jeito que chove na Escócia, as pessoas passam muito mais tempo dentro de casa.

– Aonde você vai? – perguntei, quando Frank atirou os pés para fora da cama.

– Detestaria ver a pobre velhinha decepcionada conosco – respondeu.

Sentando-se na beirada da cama antiga, começou a balançar-se devagar para cima e para baixo, criando um rangido rítmico e penetrante. O ronco do aspirador de pó no corredor parou bruscamente. Após um ou dois minutos balançando-se, ele deu um gemido alto e teatral e deixou-se cair para trás com uma vibração de protesto das molas. Não pude conter uma risadinha, abafada no travesseiro para não perturbar o silêncio sepulcral do lado de fora.

Frank ergueu as sobrancelhas para mim.

– Você deveria gemer em êxtase, não dar risadinhas – repreendeu-me num sussurro. – Ela vai achar que eu não sou um bom amante.

– Você vai ter que continuar por mais tempo do que isso se espera gemidos empolgados – respondi. – Dois minutos não merecem mais do que uma risadinha.

– Que mulherzinha sem consideração. Eu vim aqui descansar, lembra?

– Preguiçoso. Nunca vai conseguir colocar o próximo ramo familiar em sua árvore genealógica se não mostrar um pouco mais de empenho.

A paixão de Frank por genealogia era outra razão para termos escolhido as Terras Altas. Segundo um dos encardidos pedaços de papel que ele carregava de um lado para o outro, um antepassado seu tivera alguma coisa a ver com os acontecimentos naquela região em meados do século XVIII. Ou seria século XVII?

– Se eu acabar como um toco sem descendentes na minha árvore genealógica, sem dúvida será por culpa de nossa incansável anfitriã lá fora. Afinal, estamos casados há quase oito anos. O pequeno Frank Jr. será perfeitamente legítimo sem precisar ser concebido na presença de uma testemunha.

– Se vier a ser concebido – falei, pessimista. Ficáramos decepcionados mais uma vez na semana anterior à partida para nosso retiro nas Terras Altas.

– Com todo este ar puro revigorante e esta comida saudável? Como poderíamos falhar?

O jantar na noite anterior fora arenque frito. O almoço fora arenque em conserva. E o cheiro penetrante que agora bafejava pelo vão da escada sugeria, com elevado grau de certeza, que o café da manhã deveria ser arenque defumado.

– A menos que você esteja pensando em mais uma edificante performance para a sra. Baird – sugeri –, é melhor se vestir. Não vai se encontrar com aquele pastor às dez? – O reverendo Reginald Wakefield, o vigário da paróquia local, deveria fornecer algumas fascinantes certidões de batismo para inspeção de Frank, sem mencionar a esfuziante perspectiva de que pudesse ter desenterrado alguns bolorentos despachos do Exército ou algo parecido que mencionassem o tal antepassado famoso.

– Como é mesmo o nome daquele avô do seu tataravô? – perguntei. – Aquele que andou fazendo besteira por aqui durante uma das rebeliões. Não consigo me lembrar se era Willy ou Walter.

– Na verdade, era Jonathan.

Frank aceitava placidamente meu total desinteresse por sua história familiar, mas permanecia sempre alerta, pronto para se aproveitar da menor expressão de curiosidade como desculpa para me contar todos os fatos conhecidos até a presente data sobre os antigos Randall e suas conexões. Seus olhos assumiram o brilho febril de professor fanático enquanto abotoava a camisa.

– Jonathan Wolverton Randall. Wolverton pelo tio de sua mãe, um cavaleiro insignificante de Sussex. Era, entretanto, conhecido pelo apelido um tanto arrojado de “Black Jack”, que adquirira no Exército, provavelmente durante a época em que serviu aqui.

Deixei-me cair na cama com o rosto enfiado no travesseiro fingindo roncar. Ignorando-me, Frank continuou com sua exegese erudita.

– Ele recebeu sua patente oficial em meados dos anos 1730 e serviu como capitão dos dragões. Segundo aquelas cartas antigas que a prima May me enviou, ele se saiu muito bem no Exército. Uma boa escolha para um segundo filho, como você sabe. Seu irmão mais novo também seguiu a tradição tornando-se um

vigário, mas ainda não encontrei muita coisa sobre ele. De qualquer modo, Jack Randall foi altamente elogiado pelo duque de Sandringham por suas atividades antes e durante a Conspiração Jacobita de 1745, a segunda, como você sabe – detalhou ele, em proveito dos ignorantes em sua plateia. Ou seja, eu. – Com o príncipe Charles Edward e toda aquela gente.

– Não estou totalmente certa de que os escoceses achem que perderam essa – interrompi, sentando-me e tentando domesticar meus cabelos. – Ouvi perfeitamente o barman daquele pub ontem à noite se referir a nós como *sassenachs*.

– Bem, por que não? – disse Frank tranquilamente. – Afinal, significa apenas “ingleses” ou, na pior das hipóteses, “forasteiros”, e é o que nós somos.

– Sei o que significa. Foi o tom que ele usou que me incomodou.

Frank procurou um cinto na gaveta da cômoda.

– Ele só estava zangado porque eu disse que a cerveja estava aguada. Eu disse a ele que a verdadeira cerveja das Terras Altas exige que uma botina velha seja acrescentada ao tonel e que o produto final seja coado por uma cueca usada.

– Ah, isso explica o total da conta.

– Bem, eu disse isso com um pouco mais de tato, mas só porque a língua gaélica não possui uma palavra específica para ceroulas.

Peguei as minhas próprias calcinhas, intrigada.

– Por que não? Os antigos celtas da Escócia não usavam roupa de baixo?

Frank lançou-me um olhar malicioso.

– Nunca ouviu aquela velha canção sobre o que o escocês usa por baixo do kilt?

– Provavelmente não aqueles elegantes calções até os joelhos – respondi secamente. – Talvez, enquanto você fica brincando por aí com vigários, eu saia em busca de algum habitante local usando saiote escocês e pergunte a ele.

– Bem, tente não ser presa, Claire. O reitor do St. Giles College não iria gostar nada disso.

Na realidade, não havia ninguém perambulando de kilt pela praça central ou pelas lojas que a rodeavam. No entanto, havia várias outras pessoas por lá, a maioria donas de casa do tipo da sra. Baird fazendo as compras diárias. Eram tagarelas e fofoqueiras, e suas figuras, de vestido estampado, enchiam as lojas de um calor aconchegante; um antídoto contra a névoa fria da manhã no lado de fora.

Ainda sem minha própria casa para manter, havia pouca coisa que eu precisava comprar, mas gostava de dar uma olhada nas prateleiras recém-abastecidas pelo simples prazer de ver muitos artigos novamente à venda. Fora um longo período

de racionamento, de privação de coisas simples como sabão e ovos, e mais tempo ainda sem os pequenos luxos da vida, como a água de colônia L'Heure Bleu.

Meus olhos se demoraram numa vitrine repleta de utensílios domésticos – toalhas de chá e paninhos bordados para cobrir bules, jarras e copos, uma pilha de fôrmas para tortas caseiras e um conjunto de três vasos de plantas.

Jamais tive um vaso de planta em minha vida. Durante os anos de guerra, vivi, é claro, nos alojamentos de enfermeiras, primeiro no Pembroke Hospital, depois numa base militar na França. No entanto, mesmo antes disso, nunca moramos tempo suficiente num só lugar para justificar a compra de um artigo como esse. Se eu tivesse uma peça assim, refleti, tio Lamb a teria enchido de cacos de louças muito antes que eu pudesse chegar perto dela com um buquê de margaridas.

Quentin Lambert Beauchamp. “Q” para seus alunos de arqueologia e para os amigos. “Dr. Beauchamp” nos círculos acadêmicos em que ele transitava, lecionava e ganhava a vida. Mas sempre tio Lamb para mim.

O único irmão de meu pai e meu único parente vivo na época se vira de repente às voltas comigo, uma menina de 5 anos, quando meus pais morreram num acidente de carro. Na época, às vésperas de uma viagem para o Oriente Médio, ele interrompeu seus preparativos o tempo suficiente para providenciar o funeral, desfazer-se dos bens de meus pais e matricular-me num internato para meninas. Para o qual me recusei terminantemente a ir.

Diante da necessidade de arrancar meus dedos gorduchos da maçaneta do carro e me arrastar pelos calcanhares pelas escadas da escola, tio Lamb, que detestava conflitos pessoais de qualquer natureza, suspirou exasperado, depois finalmente encolheu os ombros e jogou sua sensata decisão pela janela, juntamente com meu recém-adquirido chapéu de palha.

– Maldito chapéu – resmungou, olhando pelo espelho retrovisor e vendo-o rolar alegremente para longe, enquanto o carro continuava descendo o caminho, roncando em alta velocidade. – Sempre detestei chapéus femininos mesmo.

Fixou em mim um olhar feroz e continuou:

– Só digo uma coisa – disse, em tom ameaçador. – Você não pode brincar de boneca com minhas estatuetas de túmulos persas. Qualquer coisa, menos isso. Entendeu?

Fiz que sim com a cabeça, feliz. E fui com ele para o Oriente Médio, para a América do Sul, para dezenas de sítios arqueológicos em todo o mundo. Aprendi a ler e escrever com os rascunhos dos artigos científicos, a cavar latrinas e ferver água e a fazer um sem-número de outras coisas inadequadas para uma jovem bem-nascida – até encontrar o historiador atraente, de cabelos escuros, que tinha

ido consultar tio Lamb a respeito de uma questão da filosofia francesa relacionada à prática religiosa egípcia.

Mesmo depois de nosso casamento, Frank e eu continuamos levando a vida nômade de um jovem professor universitário, dividido entre congressos pela Europa e apartamentos temporários, até que a deflagração da guerra o enviou para o Treinamento de Oficiais na Unidade de Inteligência do MI6 e a mim para o treinamento de enfermeiras. Embora estivéssemos casados havia quase oito anos, a nova casa em Oxford seria nosso primeiro lar de verdade.

Enfiando a bolsa firmemente debaixo do braço, entrei com passos firmes na loja e comprei os vasos.

Encontrei-me com Frank no cruzamento da High Street com a Gereside Road e começamos a subir por esta última. Ele ergueu as sobranceiras diante das minhas compras.

– Vasos? – Sorriu. – Ótimo. Talvez agora você pare de colocar flores nos meus livros.

– Não são flores, são espécimes. E foi você quem sugeriu que eu me interessasse por botânica para ocupar minha mente, agora que não sou mais enfermeira – lembrei a ele.

– É verdade. – Assentiu com bom humor. – Mas eu não sabia que teria galhinhos e folhas caindo no meu colo toda vez que abrisse uma obra de referência. O que era aquela coisa horrível, marrom e esfarelada, que você colocou no meu livro de Tuscum e Banks?

– Sabugueiro. Boa para hemorroidas.

– Preparando-se para a minha iminente velhice, não é? Hum, muito gentil de sua parte, Claire.

Atravessamos o portão juntos, rindo, e Frank parou para que eu subisse os estreitos degraus da entrada à sua frente.

De repente, agarrou-me pelo braço.

– Cuidado! Não pise nisso aí!

Parei com o pé cuidadosamente erguido acima de uma grande mancha vermelho-amarronzada no degrau superior.

– Que estranho – disse. – A sra. Baird esfrega os degraus todas as manhãs. O que você acha que pode ser isso?

Frank se inclinou sobre o degrau, delicadamente procurando sentir o cheiro.

– Assim de improviso, eu diria que se trata de sangue.

– Sangue! – Recuei um passo. – De quem? – Olhei aflita para a casa. – Você acha que a sra. Baird sofreu algum tipo de acidente? – Não podia imaginar nossa imaculada anfitriã deixando manchas de sangue secando na soleira da porta, a não ser que uma enorme catástrofe tivesse ocorrido. Imaginei por um instante se a sala de visitas não estaria abrigando um assassino ensandecido, preparando-se naquele mesmo instante para saltar sobre nós com um grito arrepiante.

Frank balançou a cabeça. Ficou na ponta dos pés para espreitar o jardim do vizinho por cima da cerca viva.

– Acho que não. Há uma mancha igual a essa na entrada da casa dos Collins também.

– É mesmo? – Cheguei mais perto de Frank, tanto para olhar por cima da cerca quanto em busca de apoio moral. As Terras Altas dificilmente pareceriam um lugar provável para um assassinato em massa. Por outro lado, eu duvidava que essas pessoas usassem qualquer tipo de critério lógico ao escolher o local do crime. – Isso é um tanto... desagradável – observei. Não havia nenhum sinal de vida na casa ao lado. – O que você acha que aconteceu?

Frank franziu a testa, pensando, depois bateu a mão rapidamente na perna, como se tivesse uma súbita inspiração.

– Acho que sei! Espere um instante. – Partiu em direção ao portão e começou a descer a rua quase correndo, deixando-me desamparada na entrada da casa.

Voltou logo depois, radiante com a confirmação.

– Sim, isso mesmo, tem que ser. Aconteceu em todas as casas deste lado da rua.

– O quê? A visita de um maníaco homicida? – perguntei um pouco rispidamente, ainda nervosa por ter sido bruscamente abandonada sozinha, na companhia apenas de uma grande mancha de sangue.

Frank riu.

– Não, um sacrifício ritual. Fascinante! – Estava de quatro na grama, examinando atentamente a poça de sangue.

Aquilo não me parecia nada melhor do que um maníaco homicida. Agachei-me ao lado dele, contorcendo o nariz diante do cheiro. Ainda era cedo para moscas, mas dois mosquitos das Terras Altas, grandes e lentos, giravam em torno da mancha.

– O que quer dizer com “sacrifício ritual”? – indaguei. – A sra. Baird frequenta a igreja, assim como todos os seus vizinhos. Isso aqui não é o Monte dos Druidas ou algo semelhante, sabe?

Levantou-se, limpando os pedacinhos de grama das calças.

– Você é que não sabe, meu bem – disse ele. – Não há nenhum lugar na Terra

com mais magia e superstições antigas influenciando o cotidiano das pessoas do que as Terras Altas. Com ou sem igreja, a sra. Baird acredita nas lendas dos povos antigos, assim como todos os seus vizinhos. – Apontou para a mancha com o bico do sapato perfeitamente engraxado. – O sangue é de um galo preto – explicou, satisfeito. – As casas são novas, você sabe. Pré-fabricadas.

Olhei-o friamente.

– Se você acha que isso explica tudo, pense melhor. Que diferença faz a idade das casas? E, afinal, onde está todo mundo?

– No pub, eu acho. Vamos até lá verificar? – Tomando-me pelo braço, conduziu-me pelo portão e começamos a descer a Gereside Road.

– Antigamente – explicou ele conforme andávamos –, e não faz tanto tempo assim, quando construíam uma casa, era costume matar alguém e enterrá-lo nos alicerces, como uma oferenda aos espíritos da terra. Sabe, “Ali ele lançará os alicerces em seu primogênito e em seu filho mais novo erguerá os portões”. Isso é antigo como os montes.

Estremeci diante da citação.

– Nesse caso, suponho que seja bem mais moderno e compreensível que estejam usando galinhas. Já que as casas são relativamente novas, nada foi enterrado debaixo delas e os moradores agora estão tentando remediar a omissão.

– Exatamente. – Frank parecia satisfeito com meu progresso e deu uns tapinhas nas minhas costas. – Segundo o vigário, muitos dos habitantes locais acham que a guerra foi em parte causada pelo fato de as pessoas estarem abandonando suas raízes e deixando de tomar as devidas precauções, como enterrar oferendas sob os alicerces das casas ou queimar espinhas de peixes na lareira. Exceto de hadoques, é claro – acrescentou ele, contentemente distraído. – Sabia? Ou você nunca mais pescará um. Em vez disso, sempre enterre as espinhas de um hadoque.

– Vou me lembrar disso – prometi. – Diga-me o que se deve fazer para nunca mais ver um arenque e eu o farei imediatamente.

Ele balançou a cabeça, absorto em um de seus acessos de lembrança, aqueles breves períodos de êxtase erudito quando ele perdia o contato com o mundo à sua volta, completamente empenhado em evocar conhecimentos de todas as fontes.

– Não sei nada sobre arenques – disse, distraído. – Mas para ratos, penduram-se ramos de choupo-tremedor por toda parte. “Choupo-tremedor na casa, e você nunca verá um rato”, como se diz. Quanto a corpos nos alicerces... é daí que vêm muitos dos fantasmas locais. Conhece Mountgerald, a casa grande no final da High Street? Há um fantasma lá, um operário que trabalhava na construção

da casa e foi assassinado em sacrifício para os alicerces em algum momento do século XVIII. Isso, na verdade, é bastante recente – acrescentou, pensativo.

– Diz-se que, por ordem do dono da casa, uma parede foi construída primeiro, depois um bloco de pedra foi empurrado de cima da parede sobre um dos operários. Provavelmente algum sujeito de que ninguém gostava foi escolhido para o sacrifício. Então ele foi enterrado no porão e o resto da casa foi construído sobre ele. Agora assombra o porão onde foi assassinado, exceto na data de aniversário de sua morte e nos quatro Dias Antigos.

– Dias Antigos?

– As festividades dos povos antigos da região – explicou ele, ainda perdido em suas anotações mentais. – Hogmanay, ou seja, o Ano-Novo, o Midsummer Day, que é o solstício de verão, o Beltane, festival da primavera, e o All Hallows, que corresponde ao nosso Halloween. Os druidas, os beakers da Idade da Pedra e os antigos pictos... Todos celebravam as festas dos fogos e as festas do sol, pelo que sabemos. De qualquer modo, os fantasmas estão à solta nos dias sagrados e podem ficar vagando por aí como quiserem, fazer o bem ou o mal, de acordo com sua vontade. – Esfregou o queixo ponderando. – Estamos nos aproximando do Beltane, perto do equinócio da primavera. É melhor ficar de olho da próxima vez que passar pelo pátio da igreja. – Ele pestanejou e eu percebi que tinha saído do transe.

Dei uma risada.

– Então, há muitos fantasmas locais famosos?

Ele deu de ombros.

– Não sei. Vamos perguntar ao vigário na próxima vez que o virmos?

De fato, encontramos o vigário pouco tempo depois. Estava no pub, juntamente com os demais habitantes do vilarejo, tomando uma cerveja leve e clara em comemoração à nova santificação das casas.

Pareceu um pouco envergonhado ao ser flagrado acobertando atos de paganismo, por assim dizer, mas minimizou o fato como sendo apenas um costume local com conotação histórica – como vestir roupas verdes.

– Na verdade, é bem fascinante, sabe – confidenciou ele, e reconheci, com um suspiro, o canto de um estudioso, um som tão característico quanto o trinado de um melro. Atendendo ao chamado de um espírito iluminado, Frank imediatamente entrou na dança de pares da academia e logo estavam mergulhados até o pescoço em arquétipos e comparações entre superstições antigas e religiões modernas. Encolhi os ombros e abri meu próprio caminho pela multidão até o bar e de volta, com um drinque em cada mão.

Sabendo, por experiência própria, o quanto era difícil desviar a atenção de Frank desse tipo de discussão, simplesmente peguei sua mão, envolvi seus dedos em torno da haste da taça e deixei-o entregue a seus próprios interesses.

Encontrei a sra. Baird em um banco junto à janela, compartilhando uma amigável jarra de cerveja preta com um senhor idoso que ela me apresentou como sr. Crook.

– É o senhor de quem lhe falei, sra. Randall – disse ela, os olhos brilhantes com o estímulo do álcool e da companhia. – O que conhece plantas de todas as espécies.

– A sra. Randall se interessa muito por plantas – confidenciou ao seu acompanhante, que inclinou a cabeça numa mistura de educação e surdez. – Prensa-as nos livros e tudo o mais.

– É mesmo? – perguntou o sr. Crook, o tufo branco de sobrancelha erguido em sinal de interesse. – Tenho algumas prensas, as verdadeiras, veja bem, para ervas e similares. Ganhei-as do meu sobrinho, quando veio da universidade passar as férias. Ele as trouxe para mim e não tive coragem de dizer-lhe que nunca uso coisas desse tipo. Deixá-las penduradas é o melhor para as ervas, sabe, ou talvez secá-las em um estrado, dentro de um saco de gaze ou em um pote, mas por que iria querer esmagar as plantinhas até ficarem achatadas eu não faço a menor ideia.

– Bem, para olhá-las, talvez – intercedeu a sra. Baird afavelmente. – A sra. Randall fez lindos arranjos com botões de malva e violetas, que se pode emoldurar e pendurar na parede.

– Hummm. – Diante dessa sugestão, o rosto sulcado do sr. Crook pareceu estar admitindo uma duvidosa possibilidade. – Bem, se tiverem alguma utilidade para a senhora, pode ficar com as prensas, de bom grado. Eu não queria jogá-las fora, mas confesso que não tenho nenhuma utilidade para elas.

Assegurei ao sr. Crook que eu ficaria encantada em usar prensas de plantas e mais encantada ainda se ele me mostrasse onde algumas das plantas mais raras da região poderiam ser encontradas. Fitou-me incisivamente por um instante, a cabeça inclinada para o lado como um velho falcão, mas finalmente pareceu decidir que meu interesse era genuíno. Combinamos que eu deveria encontrá-lo pela manhã para uma excursão aos arbustos locais. Frank pretendia passar o dia em Inverness para consultar uns registros na prefeitura de lá, e fiquei satisfeita de ter uma desculpa para não acompanhá-lo. Para mim, os registros eram todos iguais.

Pouco depois, Frank conseguiu se desvencilhar do vigário e caminhamos de volta para casa na companhia da sra. Baird. Eu mesma hesitei em mencionar o sangue de galo na soleira da porta, mas Frank não sofria de tal acanhamento e interrogou-a avidamente sobre as origens do costume.

– Suponho, então, que seja muito antigo, não? – perguntou, agitando uma vara pelos arbustos ao longo da calçada. O quenopódio e a cinco-em-rama já estavam florescendo e eu podia ver os botões das giestas-das-vassouras avolumando-se. Mais uma semana e estariam floridos.

– Ah, sim. – Cambaleando, a sra. Baird nos acompanhava a passos rápidos. – Mais velho do que podemos imaginar, sr. Randall. Anterior à época dos gigantes.

– Gigantes? – perguntei.

– Sim. Fionn e Feinn.

– Contos folclóricos gaélicos – observou Frank com interesse. – Heróis, sabe. Provavelmente de origem nórdica. Há muita influência nórdica por aqui e ao longo de toda a costa oeste. Alguns nomes dos locais são escandinavos, e não gaélicos.

Revirei os olhos, pressentindo uma nova explosão de conhecimento, mas a sra. Baird sorriu cordialmente e encorajou-o, dizendo que era verdade, ela havia estado no norte e visto a pedra Dois Irmãos e isso era escandinavo, não era?

– Os escandinavos visitaram a costa centenas de vezes entre 500 e 1300 d.C., aproximadamente – disse Frank, olhando sonhadoramente para o horizonte, vendo barcos normandos na nuvem varrida pelo vento. – Vikings. E trouxeram muitos de seus mitos com eles. É um bom país para mitos. As coisas parecem criar raízes aqui.

Nisso eu podia acreditar. O crepúsculo se aproximava, assim como uma tempestade. Na estranha luz sob as nuvens, até as casas totalmente modernas ao longo da rua pareciam tão antigas e sinistras quanto a desgastada pedra do povo picto que ficava a uns 30 metros de distância, guardando a encruzilhada havia mil anos. Parecia uma boa noite para ficar em casa com as persianas fechadas.

Em vez de permanecer confortavelmente sentada na sala de visitas da sra. Baird, vendo imagens estereoscópicas de Perth Harbor, entretanto, Frank preferiu comparecer ao seu compromisso com o sr. Bainbridge, um tabelião com interesse em registros históricos locais, para tomar um xerez. Lembrando-me do encontro anterior que tivera com o sr. Bainbridge, resolvi permanecer em casa com Perth Harbor.

– Procure voltar antes da tempestade – disse a Frank, dando-lhe um beijo de despedida. – E dê lembranças minhas ao sr. Bainbridge.

– Humm, sim. Sim, claro. – Cuidadosamente evitando meus olhos, Frank encolheu os ombros dentro do seu sobretudo e partiu, pegando um guarda-chuva do suporte junto à porta.

Fechei a porta quando ele saiu, mas deixei-a destrancada para que ele pudesse

entrar ao voltar. Dirigi-me languidamente de volta à sala de visitas, refletindo que Frank iria sem dúvida fingir que não tinha mulher – uma farsa à qual o sr. Bainbridge iria se unir alegremente. Não que eu, particularmente, pudesse culpá-lo.

No começo, tudo corraera muito bem em nossa visita à casa do sr. Bainbridge na tarde do dia anterior. Eu me mostrara recatada, bem-educada, inteligente, mas modesta, elegante e discretamente vestida – tudo que a mulher perfeita do professor universitário deveria ser. Até o chá ser servido.

Agora, virei a minha mão direita, examinando, com tristeza, a grande bolha que se estendia pela base dos quatro dedos. Afinal, não era culpa minha que o sr. Bainbridge, um viúvo, se contentasse com um bule barato de metal, em vez de um bule adequado de louça. Nem que o tabelião, procurando ser gentil, tivesse me pedido para servir o chá. Nem que a luva de panela que ele me deu apresentasse uma parte gasta que permitiu que o cabo em brasa do bule entrasse em contato direto com minha mão quando o segurei.

Não, concluí. Deixar cair o bule foi uma reação perfeitamente normal. Deixá-lo cair no colo do sr. Bainbridge foi apenas um infeliz acidente. Tinha que deixá-lo cair em algum lugar. Foi minha exclamação “Putá que pariu!” em voz mais alta do que o berro de dor do sr. Bainbridge que fez Frank me olhar enfurecido por cima dos pãezinhos.

Quando se recuperou do choque, o sr. Bainbridge mostrou-se muito gentil, examinando minha mão e ignorando as tentativas de Frank de se desculpar pelo meu linguajar, alegando que eu servira em um hospital de campanha por quase dois anos.

– Receio que minha mulher acabou pegando algumas, hum, expressões mais pitorescas dos ianques e de outros – sugeriu Frank com um sorriso nervoso.

– É verdade – concordei, cerrando os dentes enquanto envolvia minha mão com um guardanapo embebido em água. – Os homens tendem a ser muito “pitorescos” quando se está tirando estilhaços do corpo deles.

Com muito tato, o sr. Bainbridge tentou desviar a conversa para o campo neutro da história dizendo que sempre se interessara pelas variações do que fora considerado discurso profano através dos tempos. Havia “Gorblimey”, por exemplo, uma corruptela recente da imprecação “God blind me”.

– Sim, é claro – disse Frank, aceitando de bom grado o desvio da conversa. – Sem açúcar, obrigado, Claire. E quanto a “Gadzooks”? A parte “Gad” é perfeitamente clara, naturalmente vem de “God”, mas “zook”...

– Bem, sabe – interpôs o tabelião –, às vezes eu acho que possa ser uma corruptela de uma antiga palavra escocesa, na verdade, “yeuk”. Significa “tentação, ânsia, desejo”. Faria sentido, não?

Frank concordou, assentindo e deixando seu pouco erudito topete cair na testa. Empurrou-o para trás automaticamente.

– Interessante – disse –, toda a evolução da blasfêmia.

– Sim, e continua a acontecer – disse, pegando cuidadosamente um torrão de açúcar com a pinça.

– É mesmo? – disse o sr. Bainbridge. – A senhora encontrou algumas variações importantes durante a sua, hum, experiência na guerra?

– Ah, sim – respondi. – A minha favorita eu aprendi com um ianque. Um homem chamado Williamson, de Nova York, acho. Ele a dizia toda vez que eu trocava seu curativo.

– E qual era?

– “Jesus H. Roosevelt Cristo” – disse, deixando o torrão de açúcar cair cuidadosamente no café de Frank.

Depois de passar algum tempo na sala com a sra. Baird, numa conversa amena e nada desagradável, subi ao meu quarto para me aprontar antes de Frank chegar. Sabia que o limite dele era de duas taças de xerez e, portanto, esperava-o de volta logo.

O vento começava a soprar forte e o ar do quarto estava carregado de eletricidade. Passei a escova nos cabelos, fazendo os cachos estalarem com a estática e saltarem, emaranhando-se furiosamente. Meus cabelos teriam que passar sem as cem escovadelas hoje à noite, decidi. Com as atuais condições do tempo, iria apenas escovar os dentes. Fios de cabelo grudavam no meu rosto, agarrando-se teimosamente enquanto eu tentava afastá-los para trás.

Nenhuma água no jarro. Frank a usara, arrumando-se antes de sair para seu encontro com o sr. Bainbridge, e não se dera ao trabalho de enchê-lo novamente na torneira do banheiro. Peguei o frasco de L’Heure Bleu e despejei uma boa porção na palma da mão. Esfregando rapidamente as mãos antes que o perfume evaporasse, passei-as pelos cabelos. Despejei mais um pouco na escova e penteei os cachos para trás das orelhas.

Bem. Assim estava melhor, pensei, girando a cabeça de um lado para o outro para examinar os resultados no espelho manchado. A umidade dissipara a eletricidade dos meus cabelos, de modo que eles agora flutuavam em ondas brilhantes e pesadas em volta do meu rosto. O álcool evaporado deixara um perfume muito agradável no ar. Frank iria gostar, pensei. L’Heure Bleu era sua colônia favorita.

De repente o clarão de um relâmpago bem próximo, seguido imediatamente

pelo estrondo de um trovão, fez com que todas as luzes se apagassem. Praguejando baixinho, comecei a tatear dentro das gavetas.

Em algum lugar, eu vira velas e fósforos; a queda de energia elétrica era uma ocorrência tão frequente nas Terras Altas que as velas constituíam um suprimento indispensável em todos os quartos de hotéis e hospedarias. Eu as vira até mesmo nos hotéis mais elegantes, onde eram perfumadas com madressilvas e apresentadas em castiçais de vidro fosco com pingentes brilhantes.

As velas da sra. Baird eram bem mais utilitárias – velas brancas comuns –, mas havia muitas delas, assim como três caixas de fósforos. Não estava inclinada a ser exigente quanto à elegância num momento como aquele.

Coloquei uma vela no suporte de cerâmica azul sobre a penteadeira iluminada pelo relâmpago seguinte, depois acendi outras pelo quarto, até que todo o aposento fosse tomado por uma luminosidade suave e bruxuleante. Muito romântico, pensei, e com certa presença de espírito desliguei o interruptor, de modo que a volta repentina da luz não estragasse o clima em algum momento inoportuno.

As velas não haviam queimado mais do que 1 centímetro quando a porta se abriu e Frank entrou como um furacão. Literalmente, porque a rajada de vento que o seguiu escada acima apagou três velas.

A porta se fechou atrás dele com uma pancada que apagou mais duas. Esforçando-se para enxergar na escuridão repentina, passou a mão pelos cabelos desalinados. Levantei-me e reacendi as velas, admoestando-o brandamente sobre os modos bruscos de entrar num aposento. Foi somente ao terminar e me virar para perguntar-lhe se gostaria de um drinque que vi que ele parecia um pouco pálido e perturbado.

– O que foi? – perguntei. – Viu um fantasma?

– Bem, sabe – disse ele devagar –, não tenho certeza se não vi. – Distraidamente, ele pegou minha escova e ergueu-a para arrumar seus cabelos. Quando a fragrância repentina de L'Heure Bleu atingiu suas narinas, franziu o nariz e colocou-a de volta sobre a penteadeira, voltando a atenção para o pente que carregava no bolso.

Olhei pela janela, onde os olmos se agitavam de um lado para outro como manguais. Uma persiana aberta batia em algum lugar do outro lado da casa e ocorreu-me que talvez devêssemos fechar as nossas, embora o alvoroço lá fora fosse interessante de observar.

– Acho que o tempo está um pouco ruim para um fantasma – falei. – Eles não gostam de noites calmas e enevoadas em cemitérios?

Frank riu timidamente.

– Bem, provavelmente foram apenas as histórias de Bainbridge e um pouco de xerez a mais do que eu deveria ter tomado. Nada de mais.

Agora eu estava curiosa.

– O que você viu exatamente? – perguntei, sentando-me no banquinho da penteadeira. Indiquei a garrafa de uísque erguendo uma das sobranceiras e Frank imediatamente foi servir dois drinques.

– Bem, na verdade, apenas um homem – começou ele, medindo uma dose para ele e duas para mim. – Parado na rua lá fora.

– O quê? Do lado de fora desta casa? – perguntei com uma risada. – Então deve ter sido um fantasma; não posso imaginar ninguém parado por aí numa noite como essa.

Frank inclinou o jarro de água sobre o copo, depois olhou acusadoramente para mim quando não saiu nada.

– Não olhe para mim – disse. – Você usou toda a água. Mas eu prefiro o uísque puro mesmo. – Tomei um gole para demonstrar.

Frank pareceu inclinado a dar um pulo no lavatório para pegar água, mas abandonou a ideia e continuou sua história, tomando pequenos goles cautelosamente, como se seu copo contivesse ácido sulfúrico em vez do melhor uísque Glenfiddich de puro malte.

– Sim, ele estava na beirada do jardim, deste lado, parado junto à cerca. Eu pensei – hesitou, olhando dentro do copo –, achei que ele estivesse olhando para a sua janela.

– Minha janela? Que extraordinário! – Não pude conter um ligeiro estremecimento e atravessei o quarto para fechar as persianas, embora fosse um pouco tarde para isso. Frank seguiu-me, ainda falando.

– Sim, eu mesmo pude vê-la lá de baixo. Você estava escovando os cabelos e resmungava porque estavam arrepiados.

– Nesse caso, o sujeito provavelmente estava se divertindo – falei, asperamente.

Frank sacudiu a cabeça, embora sorrisse e alisasse meus cabelos.

– Não, ele não estava rindo. Na verdade, parecia terrivelmente infeliz com alguma coisa. Não que eu tenha podido ver bem seu rosto; foi alguma coisa na maneira como estava ali parado. Eu fui por trás dele e, quando ele não se moveu, perguntei educadamente se poderia ajudá-lo em alguma coisa. Primeiro, ele agiu como se não tivesse me ouvido, e eu achei que talvez não tivesse mesmo, por causa do barulho do vento, então repeti o que dissera e estendi a mão para tocar seu ombro, chamar sua atenção. Mas antes que eu pudesse tocá-lo, ele girou repentinamente nos calcanhares, passou por mim e começou a descer a rua.

– Parece um tanto grosseiro, mas não muito próprio de um fantasma – observei, esvaziando meu copo. – Como ele era?

– Um sujeito grandalhão – disse Frank, franzindo a testa ao se lembrar. – E escocês, em trajes completos das Terras Altas, com a bolsa de pelos usada pelos escoceses na frente do kilt e um lindo broche de um veado correndo prendendo o xale xadrez. Quis perguntar-lhe onde o tinha conseguido, mas se afastou antes que eu tivesse a oportunidade.

Dirigi-me à escrivania e servi outra dose de uísque.

– Bem, não é uma aparência muito estranha para essa região, certo? De vez em quando, vejo um homem vestido assim na vila.

– Nããão... – Frank parecia duvidar. – Não, não eram suas roupas que pareciam estranhas. Quando passou por mim, eu poderia jurar que ele estava suficientemente perto para esbarrar na manga do meu casaco, mas não o fez. Fiquei tão intrigado que me virei para observá-lo conforme se afastava. Ele desceu a Gereside Road, mas quase ao chegar à esquina, ele... desapareceu. Foi quando comecei a sentir um calafrio na espinha.

– Talvez sua atenção tenha sido desviada por um instante e ele simplesmente tenha mergulhado nas sombras – sugeri. – Há muitas árvores no fim da rua.

– Posso jurar que não tirei os olhos dele nem por um segundo – murmurou Frank. Ele ergueu os olhos subitamente. – Já sei! Lembro-me agora porque eu o achei tão estranho, embora não tivesse percebido isso na hora.

– O quê? – Eu estava ficando um pouco cansada do fantasma e queria passar para questões mais interessantes, como a cama.

– Estava ventando forte, mas as pregas, sabe, do kilt e do xale quadriculado, elas simplesmente não se mexiam, exceto com o movimento de seus passos.

Fitamo-nos.

– Bem – falei finalmente –, isso é um pouco arrepiante.

Frank deu de ombros e sorriu de repente, descartando o assunto.

– Ao menos terei alguma coisa para contar ao vigário da próxima vez que o encontrar. Talvez seja um famoso fantasma local e ele poderá me contar sua história sangrenta. – Deu uma olhada em seu relógio. – Mas agora eu diria que é hora de ir para a cama.

– É, sim – murmurei.

Observei-o pelo espelho, enquanto procurava um cabide. De repente, parou enquanto desabotoava a camisa.

– Você teve muitos escoceses sob seus cuidados, Claire? – perguntou brusca-mente. – No hospital de campanha ou em Pembroke?

– Claro – respondi, um pouco intrigada. – Havia muitos Seaforth e Cameron na base militar em Amiens e, um pouco mais tarde, depois de Caen, tivemos muitos Gordon. Bons sujeitos, na maioria. Muito estoicos a respeito de tudo de um modo geral, mas terrivelmente covardes quando se tratava de injeções. – Sorri, lembrando-me particularmente de um deles.

– Tivemos um, na verdade um sujeito muito rabugento, um gaiteiro dos Seaforth, que não suportava injeção, especialmente nas nádegas. Passava horas no mais terrível desconforto antes de deixar que alguém se aproximasse dele com uma seringa e, mesmo assim, tentava nos fazer dar-lhe a injeção no braço, embora fosse intramuscular. – Ri diante da lembrança do cabo Chisholm. – Ele me disse: “Se vou ficar deitado de barriga para baixo, com minha bunda de fora, quero que a garota fique embaixo de mim, não atrás de mim com uma agulha!”

Frank sorriu, mas pareceu um pouco apreensivo, como sempre acontecia com minhas histórias de guerra menos delicadas.

– Não se preocupe – assegurei-lhe, percebendo sua expressão –, não vou contar essa na hora do chá na sala dos professores.

O sorriso arrefeceu e ele se aproximou, parando atrás de mim, que estava sentada à penteadeira. Beijou o alto da minha cabeça.

– Não se preocupe – disse. – Os professores vão adorá-la, quaisquer que sejam as histórias que contar. Hummm. Seus cabelos estão com um perfume delicioso.

– Gosta?

Em resposta, suas mãos deslizaram para a frente por cima dos meus ombros, segurando meus seios na camisola fina. Eu podia ver seu rosto acima do meu no espelho, o queixo descansando sobre a minha cabeça.

– Gosto de tudo em você – disse ele com a voz rouca. – Você fica linda à luz de velas. Seus olhos são como xerez no cristal e sua pele brilha como marfim. Uma feiticeira à luz de velas, é o que você é. Talvez eu devesse apagar as lâmpadas permanentemente.

– Fica difícil ler na cama – disse, o coração começando a acelerar.

– Posso pensar em coisas melhores para fazer na cama – murmurou.

– É mesmo? – indaguei, levantando-me e virando-me para passar os braços em volta de seu pescoço. – Como o quê, por exemplo?

Algum tempo depois, aconchegados por trás das persianas fechadas, ergui minha cabeça dos seus ombros e disse:

– Por que você me perguntou aquilo? Se eu tive contato com escoceses, quero dizer, deve saber que tive, há todo tipo de homens nesses hospitais.

Ele se mexeu e deslizou a mão pelas minhas costas.

– Humm. Ah, por nada, na verdade. É que, quando vi aquele sujeito lá fora, ocorreu-me que pudesse ser – hesitou, apertando-me mais um pouco em seus braços –, hum, você sabe, que pudesse ser alguém de quem você cuidou, talvez... talvez tivesse ouvido falar que você estava aqui e veio vê-la... algo assim.

– Nesse caso – disse, de modo prático –, por que ele não entraria e pediria para me ver?

– Bem – a voz de Frank pareceu muito descontraída –, talvez ele não quisesse dar de cara comigo.

Ergui-me sobre um dos cotovelos, fitando-o. Havíamos deixado uma vela acesa e eu podia enxergá-lo bem. Virara a cabeça e olhava distraidamente para a cromolitografia do príncipe Charles Edward com a qual a sra. Baird achara apropriado decorar nossa parede.

Agarrei seu queixo e virei seu rosto para mim. Ele arregalou os olhos, simulando surpresa.

– Está querendo dizer – indaguei – que o homem que viu lá fora era alguma espécie de, de... – hesitei, em busca da palavra certa.

– Ligação? – sugeriu, solícito.

– Amorosa de minha parte? – concluí.

– Não, não, claro que não – afirmou de maneira pouco convincente. Retirou minhas mãos de seu rosto e tentou me beijar, mas agora foi a minha vez de virar o rosto. Contentou-se em puxar-me de volta para deitar a seu lado na cama.

– É que... – começou. – Bem, você sabe, Claire, foram seis anos. E nos vimos apenas três vezes e apenas por um dia na última vez. Não seria extraordinário se... quero dizer, todos sabem que médicos e enfermeiras ficam sob um terrível estresse durante as emergências e... bem, eu... é apenas que... bem, eu compreenderia, sabe, se alguma coisa, hum, de natureza espontânea...

Interrompi aquela lenga-lenga desvencilhando-me do seu abraço e saltando para fora da cama.

– Acha que fui infiel a você? – indaguei. – Acha? Porque, se acha, pode sair deste quarto agora mesmo. Ir embora desta casa! Como ousa insinuar tal coisa? – Eu estava furiosa e Frank, sentando-se na cama, estendeu os braços tentando me acalmar.

– Não toque em mim! – retruquei. – Apenas me diga: você acha, diante do fato de um estranho estar olhando para a minha janela, que eu tenha tido algum caso amoroso com um dos meus pacientes?

Frank se levantou da cama e me envolveu em seus braços. Permaneci petrificada como a mulher de Lot, mas ele insistiu, acariciando meus cabelos e esfregando meus ombros da maneira que sabia que eu gostava.

– Não, eu não acho nada disso – disse ele com firmeza. Puxou-me para mais junto dele e eu relaxei um pouco, embora não o suficiente para abraçá-lo.

Após um longo tempo, murmurou nos meus cabelos:

– Não, eu sei que você nunca faria tal coisa. Só quis dizer que ainda que tivesse feito... Claire, não faria nenhuma diferença para mim. Eu a amo. Nada do que você tenha feito jamais vai me impedir de amá-la. – Tomou meu rosto nas mãos – apenas 10 centímetros mais alto do que eu, ele podia olhar diretamente dentro dos meus olhos sem dificuldade – e disse brandamente: – Me perdoa? – Senti seu hálito quente, ligeiramente perfumado com o amargor do Glenfiddich, no meu rosto, e seus lábios, cheios e convidativos, ficaram perturbadoramente próximos.

Outro relâmpago do lado de fora anunciou o súbito irrompimento da tempestade e uma chuva estrondosa começou a açoitar o telhado.

Devagar, passei os braços em torno de sua cintura.

– “O verdadeiro perdão não é forçado” – disse –, “mas cai como o suave sereno do céu...”

Frank riu e olhou para cima; as diversas manchas no teto eram um mau agouro para as perspectivas de podermos dormir secos a noite toda.

– Se esta é uma amostra do seu perdão – disse ele –, detestaria ver a sua vingança.

A tempestade ecoou como um ataque de morteiros, como se respondesse às suas palavras, e nós dois rimos, descontraídos outra vez.

Somente mais tarde, ouvindo sua respiração regular ao meu lado, foi que comecei a pensar. Como eu disse, não havia nenhuma prova que implicasse infidelidade de minha parte. De minha parte. Mas seis anos, como ele dissera, era um longo tempo.

2

MONUMENTO DE PEDRAS

O sr. Crook veio me buscar, como combinado, pontualmente às sete horas da manhã seguinte.

– Assim poderemos pegar o sereno nos botões-de-ouro, não é, menina? – disse ele, piscando para mim como um velho galanteador. Veio numa motocicleta,

aproximadamente da sua própria idade, para nos transportar ao campo. As prensas de plantas estavam cuidadosamente amarradas às laterais de sua enorme máquina, como para-choques de um rebocador. Foi uma lenta excursão pelo campo tranquilo, ainda mais sossegado em contraste com o ronco estrondoso da moto do sr. Crook, repentinamente silenciado. Descobri que o velho senhor realmente possuía um grande conhecimento das plantas locais. Não só onde elas podiam ser encontradas, mas suas propriedades medicinais e a maneira de prepará-las. Lamentei não ter levado um bloco de anotações para registrar tudo, mas ouvi atentamente a voz entrecortada e procurei gravar as informações na memória, enquanto guardava nossos espécimes nas pesadas prensas.

Paramos para fazer um lanche ao sopé de uma curiosa colina de topo plano. Verde como a maioria de suas vizinhas, com as mesmas saliências e escarpas rochosas, tinha algo diferente: um caminho bem usado que subia por um dos flancos e desaparecia bruscamente atrás de um afloramento de granito.

– O que há lá em cima? – perguntei, apontando com um sanduíche de presunto. – Parece um local difícil para um piquenique.

– Ah. – O sr. Crook olhou para a colina. – Essa é a Craigh na Dun, menina. Eu pretendia mostrar-lhe depois do lanche.

– É mesmo? Há alguma coisa especial a respeito desta colina?

– Ah, sim – respondeu ele, recusando-se a dar maiores detalhes e dizendo meramente que eu veria quando chegasse lá.

Eu tinha algum receio quanto à sua habilidade de subir um caminho tão íngreme, que logo se desvaneceu quando eu me vi arquejante, seguindo em seu rastro. Finalmente, o sr. Crook estendeu a mão e puxou-me para cima da beira do monte.

– Aí está. – Fez um gesto amplo com a mão, como se fosse o proprietário.

– Ora, é um monumento megalítico! – exclamei, encantada. – Um círculo de pedras em miniatura!

Por causa da guerra, já fazia vários anos que eu viajara à planície de Salisbury, mas Frank e eu visitamos Stonehenge logo depois de casados. Como os outros turistas andando maravilhados entre os enormes blocos de pedra verticais do monumento, ficamos boquiabertos diante da Pedra do Altar (“onde os antigos druidas realizavam seus terríveis sacrifícios humanos”, anunciara o sonoro guia turístico com seu sotaque cockney a um grupo de turistas italianos, que cuidadosamente tirava fotografias do bloco de pedra de aparência bastante comum).

Com a mesma paixão pela exatidão que fazia com que Frank arrumasse as gravatas no cabide de modo que as pontas ficassem exatamente da mesma altura,

percorremos até mesmo a circunferência do círculo, medindo os passos entre os buracos Z e os buracos Y e contando os dintéis no Círculo de Sarsen, o anel mais externo das monstruosas pedras verticais.

Três horas depois, sabíamos quantos buracos Y e Z havia (59, se quer saber; eu não quis), mas continuávamos sem fazer ideia da finalidade da estrutura, da mesma forma que as dezenas de arqueólogos profissionais e amadores que se arrastaram por aquele sítio nos últimos quinhentos anos.

Não por falta de opiniões, é claro. A vida entre acadêmicos ensinara-me que uma opinião bem expressada em geral é melhor do que um fato mal expressado no que diz respeito a progresso profissional.

Um templo. Um cemitério. Um observatório astronômico. Um local de execução (daí o nome inadequado de “Pedra do Massacre”, inclinada para o lado, semienterrada em seu próprio buraco). Um mercado a céu aberto. Gostei dessa última sugestão, visualizando donas de casa megalíticas caminhando entre os dintéis, cestos nos braços, analisando o verniz do último carregamento de vasos e cerâmica vermelha, e ouvindo com ceticismo os proclames de padeiros da Idade da Pedra e de vendedores de contas de âmbar e de pás feitas com ossos de cervos.

A única coisa que, a meu ver, contrariava essa hipótese era a presença de corpos sob a Pedra do Altar e restos humanos incinerados nos buracos Z. A menos que fossem os desafortunados restos mortais de mercadores acusados de roubar os fregueses no peso, parecia um pouco anti-higiênico enterrar pessoas no mercado.

Não havia nenhum sinal de sepultamento no círculo de pedras em miniatura no topo desta colina. Por “miniatura” quero dizer apenas que o círculo de pedras verticais era menor do que Stonehenge. Ainda assim, cada pedra tinha o dobro da minha altura e proporções gigantescas.

Eu ouvira de outro guia turístico em Stonehenge que esses círculos megalíticos ocorrem por toda a Inglaterra e Europa – alguns mais conservados do que outros, diferindo ligeiramente na orientação e na forma, todos de finalidade e origem desconhecidas.

O sr. Crook ficou sorrindo amavelmente, enquanto eu circulava pelas pedras, parando de vez em quando para tocar de leve numa delas, como se o toque de meus dedos pudesse deixar uma impressão nos monumentais blocos de pedra.

Algumas das lajes verticais eram rajadas, listradas de cores quase imperceptíveis. Outras eram pontilhadas de flocos de mica que refletiam a luz do sol matinal com um brilho alegre. Todas eram notavelmente diferentes dos amontoados de pedras nativas que se projetavam das samambaias em volta. Quem quer que tenha construído os círculos de pedra, e para qualquer finalidade que fosse, achou

importante ter extraído, modelado e transportado blocos especiais de pedra para a edificação de seu tributo. Modelado – como? Transportado – como e de que distância inimaginável?

– Meu marido ficaria fascinado – disse ao sr. Crook, parando para agradecer-lhe por me mostrar o lugar e as plantas. – Vou trazê-lo aqui depois para que ele o veja.

O idoso cavalheiro elegantemente me ofereceu o braço no alto da trilha. Aceitei-o, concluindo depois de dar uma olhada na íngreme ribanceira que, apesar da idade, ele provavelmente tinha as pernas mais firmes do que as minhas.

Naquela tarde, desci a rua em direção ao povoado para buscar Frank na casa do vigário. Inspirava com satisfação aquela inebriante mistura das Terras Altas de urze, sálvia e giesta, temperadas aqui e ali por fumaça de chaminé e cheiro forte de areneque frito à medida que eu passava pelas poucas casas. A vila ficava aninhada num pequeno declive ao sopé de uma daquelas elevadas escarpas que se erguiam quase verticalmente das charneças das Terras Altas. As casas junto à rua eram bonitas. A prosperidade florescente do pós-guerra podia ser vista até em uma nova pintura e mesmo a propriedade do pároco, que devia ter pelo menos cem anos, exibia uma borda amarelo-viva em torno dos frouxos caixilhos das janelas.

A governanta do vigário atendeu à porta, uma mulher alta e de ar severo, com três voltas de pérolas artificiais no pescoço. Ouvindo quem eu era, pediu que eu entrasse e me conduziu por um corredor longo, estreito e escuro, coberto de gravuras em sépia de pessoas que podiam ter sido personagens famosos em sua época ou parentes queridos do atual vigário, mas que também podiam muito bem ser membros da família real, pelo que pude divisar de suas feições na escuridão.

O gabinete do vigário, ao contrário, ofuscava com a luz que entrava pelas enormes janelas que cobriam uma das paredes, praticamente do teto ao chão. Um cavalete junto à lareira, ostentando uma pintura a óleo inacabada de penhascos negros contra um céu noturno, mostrava a razão das janelas, que devem ter sido acrescentadas muito depois da construção da casa.

Frank e um homem baixo e gorducho, com um colarinho de padre, debruçavam-se confortavelmente sobre uma pilha de papéis velhos espalhados pela escrivaninha do outro lado da sala. Frank mal levantou a cabeça para me cumprimentar, mas o vigário educadamente abandonou suas explicações e apressou-se a vir apertar minha mão, o rosto redondo radiante de prazer.

– Sra. Randall! – exclamou, apertando minha mão entusiasmaticamente. – Que prazer revê-la! E chegou bem na hora de ouvir as novidades!

– Novidades? – Lançando um olhar no aspecto encardido e na tipologia dos documentos sobre a escrivania, calculei que as novidades em questão deviam datar de 1750. Portanto, não eram exatamente as manchetes do dia.

– Sim, isso mesmo. Estivemos rastreando um ancestral de seu marido, Jack Randall, através dos despachos do Exército na época. – O vigário inclinou-se em minha direção, falando pelo canto da boca como um gângster de filme americano. – Eu, hum, “peguei emprestado” os despachos originais dos arquivos da Sociedade Histórica local. Não vai contar para ninguém?

Achando graça, prometi que não revelaria seu terrível segredo e olhei à minha volta em busca de uma poltrona confortável onde pudesse receber as últimas revelações do século XVIII. A poltrona mais próxima das janelas pareceu-me adequada, mas quando me aproximei para virá-la para a escrivania, descobri que já estava ocupada. O ocupante, um garoto com uma surpreendente cabeleira negra e lustrosa, estava enroscado no fundo da poltrona, dormindo profundamente.

– Roger! – O vigário, vindo em meu auxílio, estava tão surpreso quanto eu. O garoto, acordado de repente, ficou de pé num salto, os olhos verdes-musgo arregalados.

– Ora, o que você está fazendo aqui, moleque? – o vigário repreendeu-o afetuosamente. – Ah, adormeceu lendo histórias em quadrinhos outra vez? – Pegou as folhas vivamente coloridas e entregou-as ao menino. – Agora, vá, Roger, tenho assuntos a tratar com os Randall. Ah, espere, esqueci-me de apresentá-lo. Sra. Randall, este é meu filho, Roger.

Fiquei um pouco surpresa. Se houvesse um solteirão inveterado no mundo, eu diria que era o reverendo Wakefield. Ainda assim, segurei a mãozinha educadamente estendida e apertei-a calorosamente, resistindo à necessidade urgente de limpar na saia certo resíduo pegajoso.

O reverendo Wakefield ficou olhando afetuosamente o menino sair marchando em direção à cozinha.

– Filho da minha sobrinha, na verdade – confidenciou. – O pai levou um tiro na travessia do canal e a mãe foi morta durante um bombardeio, então eu fiquei com ele.

– Muito generoso de sua parte – murmurei, pensando em tio Lamb. Ele, também, morrera durante um bombardeio, num ataque ao auditório do Museu Britânico, onde dava uma palestra. Conhecendo-o como conhecia, acho que seu último sentimento foi de satisfação pelo fato de a ala de antiguidades persas, vizinha à que ele estava, não ter sido atingida.

– De modo algum, de modo algum. – O vigário balançou a mão, encabulado.
– É bom ter um pouco de juventude na casa. Vamos, sente-se, por favor.

Frank começou a falar antes mesmo de eu ter colocado a minha bolsa sobre a poltrona.

– Uma sorte incrível, Claire! – exclamou, entusiasmado, folheando a pilha já surrada. – O vigário encontrou toda uma série de despachos militares que mencionam Jonathan Randall.

– Bem, parece que grande parte da importância deve-se ao próprio capitão Randall – observou o vigário, pegando alguns papéis de Frank. – Ele esteve no comando da guarnição em Fort William durante aproximadamente quatro anos, mas parece ter passado muito de seu tempo atormentando o interior da Escócia, acima da fronteira, em nome da Coroa. Este lote – cuidadosamente, ele separou uma pilha de documentos e espalhou-os sobre a escrivaninha – é de relatórios de queixas apresentadas contra o capitão por várias famílias e proprietários, reclamando de tudo, desde interferência dos soldados da guarnição com as criadas ao roubo de cavalos, sem mencionar diversos casos de “insulto” ou “não especificados”.

Não pude deixar de rir.

– Quer dizer então que você tem um famoso ladrão de cavalos em sua árvore genealógica? – perguntei a Frank.

Ele deu de ombros, sem se perturbar.

– Ele era o que era e não há nada que eu possa fazer a respeito. Só quero descobrir. As queixas não são incomuns para a época; os ingleses de um modo geral, e o Exército em particular, eram bastante impopulares nas Terras Altas. O que é estranho é que parece que nada aconteceu em decorrência das queixas, nem mesmo das mais graves.

O vigário, incapaz de se manter quieto por mais tempo, interrompeu:

– Isso mesmo. Não que os oficiais naquela época tivessem que se pautar pelos padrões modernos; podiam agir praticamente por conta própria em questões de menor importância. Mas isso é estranho. Não é que as queixas tenham sido investigadas e descartadas; elas simplesmente nunca mais são mencionadas. Sabe do que eu desconfio, Randall? Seu antepassado devia ter um benfeitor. Alguém que podia protegê-lo da censura de seus superiores.

Frank coçou a cabeça, estreitando os olhos para os despachos.

– Talvez tenha razão. No entanto, tinha que ser alguém muito poderoso. No topo da hierarquia militar, talvez, ou um membro da nobreza.

– Sim, ou possivelmente... – O vigário foi interrompido em suas teorias pela entrada da governanta, a sra. Graham.

– Trouxe um pouco de chá, senhores – anunciou, colocando a bandeja com firmeza no meio da escrivaninha, de onde o vigário resgatou os preciosos despachos no momento exato. Ela me examinou de cima a baixo com um olhar perspicaz, com os braços e pernas nervosamente contraídos e o olhar ligeiramente vitrificado.

– Só trouxe duas xícaras, porque pensei que talvez a sra. Randall quisesse acompanhar-me à cozinha. Tenho um pouco de...

Não esperei pela conclusão de seu convite e levantei-me prontamente. Pude ouvir as teorias irrompendo outra vez às minhas costas enquanto atravessávamos a porta de vaivém que levava à cozinha.

O chá era verde, quente e perfumado, com pedaços de folhas dando voltas no líquido.

– Hummm – disse, abaixando a xícara. – Há muito tempo não tomo Oolong.

A sra. Graham assentiu, radiante com o meu prazer por sua bebida. Ela certamente se esmerara, colocando paninhos de renda bordados à mão sob as xícaras de fina porcelana e oferecendo creme espesso e coalhado acompanhando os pãezinhos.

– Sim, eu não o conseguia durante a guerra. No entanto, é o melhor para a leitura. Tive muita dificuldade com o Earl Grey. As folhas se despedaçam tão depressa que fica difícil ler qualquer coisa nelas.

– Ah, a senhora lê folhas de chá? – perguntei, achando engraçado. Nada poderia estar mais distante da concepção popular de uma adivinha cigana do que a sra. Graham, com seu permanente curto grisalho e seu colar de pérolas de três voltas. Um gole de chá percorreu visivelmente o pescoço longo e vigoroso e desapareceu sob as contas reluzentes.

– Ora, certamente, minha querida. Assim como minha avó me ensinou e minha bisavó para ela. Esvazie a sua xícara e eu verei o que tem aí.

Ficou em silêncio por um longo tempo, de vez em quando inclinando a xícara para iluminá-la melhor ou girando-a lentamente nas mãos magras para obter um ângulo diferente.

Colocou a xícara de volta no pires cuidadosamente, como se receasse que fosse explodir no seu rosto. As linhas em torno de sua boca aprofundaram-se e as sobrancelhas se uniram numa expressão intrigada.

– Bem – disse, finalmente. – Essa é uma das mais estranhas que já vi.

– É mesmo? – Eu ainda estava achando engraçado, mas comecei a ficar curiosa. – Vou conhecer um estranho alto e moreno ou fazer uma viagem através do oceano?

– Poderia ser. – A sra. Graham percebeu o tom irônico em minha voz e imitou-o, sorrindo ligeiramente. – E poderia não ser. Isso é que é estranho sobre a

sua xícara, minha querida. Tudo nela é contraditório. Há a folha curvada para uma viagem, mas está cruzada pela folha quebrada que significa permanecer no lugar. E há estranhos, sem dúvida, vários deles. E um deles é o seu marido, se eu li as folhas direito.

Meu ar zombeteiro se dissipou um pouco. Após seis anos separados e seis meses juntos, meu marido de certa forma era realmente um estranho. Embora eu não conseguisse entender como uma folha de chá pudesse saber disso.

A sra. Graham continuava com a testa franzida.

– Deixe-me ver sua mão, minha filha – disse ela.

A mão que segurou a minha era ossuda, mas estava surpreendentemente aquecida. Uma fragrância de alfazema emanava da cabeça grisalha e bem arrumada que se inclinava sobre mim. Examinou minha mão cuidadosamente por um longo tempo, de vez em quando traçando uma das linhas com o dedo, como se seguisse um mapa cujas estradas acabassem todas nas águas de uma costa arenosa ou em terras ermas e desertas.

– Bem, o que diz aí? – perguntei, tentando manter um ar despreocupado. – Ou o meu destino é horrível demais para ser revelado?

A sra. Graham ergueu os olhos inquisidores e fitou o meu rosto pensativamente, mas continuou segurando a minha mão. Balançou a cabeça, enrugando os lábios.

– Ah, não, minha querida. Não é o destino que está em sua mão. Apenas a semente dele. – Inclinou a cabeça para um lado, considerando o que dizia. – Como sabe, as linhas da mão vão mudando ao longo do tempo. Em outro momento de sua vida, elas podem ser bastante diferentes do que são agora.

– Não sabia disso. Pensei que a gente nascesse com elas e pronto. – Eu reprimia uma vontade premente de retirar minha mão. – Nesse caso, de que adianta a leitura da mão? – Não queria parecer mal-educada, mas estava achando aquele escrutínio um pouco desconcertante, especialmente depois da leitura das folhas de chá. A sra. Graham sorriu inesperadamente e fechou os meus dedos sobre a palma da minha mão.

– Ora, as linhas de sua mão mostram quem você é, querida. É por isso que mudam, ou deveriam mudar. Em algumas pessoas, não mudam; naquelas suficientemente infelizes para nunca mudarem interiormente, mas são poucas assim. – Apertou minha mão dobrada e deu-lhe um tapinha. – Duvido que você seja uma delas. Sua mão já demonstra mudanças demais para alguém tão jovem. Deve ser por causa da guerra, é claro – disse, como se falasse para si mesma.

Fiquei novamente curiosa e abri a mão voluntariamente.

– O que sou, então, segundo a palma de minha mão?

A sra. Graham franziu o cenho, mas não segurou minha mão outra vez.

– Não sei dizer. É estranho, porque a maioria das mãos tem semelhanças. Veja bem, não estou querendo dizer que se você viu uma, viu todas, mas em geral é assim. Há padrões, sabe?

Sorriu repentinamente, um riso estranhamente simpático, exibindo dentes muito brancos e evidentemente postiços e prosseguiu:

– É assim que a adivinhação funciona. Faço isso para a quermesse da igreja todos os anos. Ou fazia, antes da guerra; acho que voltarei a fazer, agora. Mas uma jovem entra na tenda e lá estou eu, ostentando um turbante com uma pena de pavão que peço emprestada ao sr. Donaldson e “trajes de esplendor oriental”, que é o roupão do vigário, repleto de desenhos de pavão e amarelo como o sol. De qualquer forma, eu a examino de cima a baixo enquanto finjo estar olhando sua mão e vejo que usa uma blusa decotada quase até o umbigo, um perfume barato e brincos que vão até o pescoço. Não preciso de uma bola de cristal para lhe dizer que terá um filho antes da festa do ano que vem. – A sra. Graham fez uma pausa, os olhos acinzentados acesos de malícia. – Mas se a mão que você estiver segurando estiver sem anéis, é diplomático prever primeiro que ela se casará em breve.

Eu ri e ela também.

– Então, a senhora não analisa as mãos delas? – perguntei. – Só para verificar os anéis?

Ela pareceu surpresa.

– Ah, claro que examino. É que você já sabe com antecedência o que vai ver. Geralmente. – Fez um sinal com a cabeça indicando minha mão aberta. – Mas nunca vi um padrão assim antes. O polegar grande – nesse momento, ela realmente se inclinou para frente e tocou-o de leve –, isso não mudaria muito. Significa que você tem força de vontade e uma determinação que dificilmente pode ser contrariada. – Piscou os olhos para mim. – Imagino que seu marido já tenha lhe dito isso. Da mesma forma, isso aqui. – Apontou para o montinho carnudo na base do polegar.

– O que é?

– Chama-se Monte de Vênus. – Comprimiu os lábios finos com força, embora não conseguisse impedir os cantos de se elevarem. – Em um homem, eu diria que significa que ele gosta de mulheres. Para uma mulher, é um pouco diferente. Para ser delicada a respeito, farei uma pequena previsão para você e direi que seu marido provavelmente não se afastará muito de sua cama. – Deu uma risadinha surpreendentemente profunda e imoral e eu fiquei levemente corada.

A idosa governanta examinou minha mão cuidadosamente outra vez, batendo com o dedo em riste aqui e ali para enfatizar suas palavras.

– Bem, vejamos, uma linha da vida bem definida; está com boa saúde e é provável que permaneça assim. A linha da vida está interrompida, significando que sua vida sofreu uma grande mudança. Bem, isso é verdade para todos nós, não é? Mas a sua é mais retalhada do que eu normalmente vejo; toda em pedacinhos. E a sua linha do casamento – balançou a cabeça outra vez – é dividida; não é incomum, significa dois casamentos...

Minha reação foi de descrença, que reprimi imediatamente, mas ela percebeu e no mesmo instante ergueu o olhar. Achei que ela devia ser uma adivinha muito perspicaz. Ela assentiu com a cabeça grisalha em minha direção, procurando tranquilizar-me.

– Não, não, menina. Não significa que vá acontecer alguma coisa com seu marido. É que, se fosse isso – e ela enfatizou o “se” apertando ligeiramente a minha mão –, você não seria do tipo que iria definhar e ficar de luto pelo resto da vida. O que significa é que você é uma dessas pessoas capazes de amar novamente se perder seu primeiro amor.

Apertou os olhos míopes para a minha mão, percorrendo delicadamente, com uma unha dura e pontuda, a minha profunda linha do casamento.

– Mas a maioria das linhas do casamento é interrompida, a sua se bifurca. – Ergueu os olhos com um sorriso brincalhão. – Certamente você não é uma bígama em segredo, não é?

Balancei a cabeça, rindo.

– Não. Quando teria tempo para isso? – Em seguida, virei a mão, mostrando a borda externa.

– Ouvi dizer que pequenas marcas no lado da mão indicam quantos filhos você vai ter. – Esperava ter falado em tom casual. O decepcionante lado externo da minha palma era completamente liso. A sra. Graham fez um gesto com a mão, desdenhando a ideia.

– Que nada! Depois de ter um ou dois filhos, vai ter linhas aí. Mais provavelmente vai tê-las no rosto. Não prova nada de antemão.

– Ah, não? – Fiquei tolamente aliviada de ouvir aquilo. Estava prestes a perguntar se as linhas profundas na base do meu pulso significavam alguma coisa (um potencial para o suicídio?), quando fomos interrompidas nesse ponto pelo reverendo Wakefield, que entrou na cozinha carregando as xícaras vazias. Colocou-as na pia e começou uma busca desajeitada e espalhafatosa no armário, obviamente na esperança de que alguém fosse ajudá-lo.

A sra. Graham pôs-se de pé num salto para defender a santidade de sua cozinha e, empurrando o reverendo habilmente para o lado, começou a reunir acompanhamentos de chá na bandeja para levar ao gabinete. Ele me puxou para o lado, fora do caminho.

– Por que não vem ao gabinete tomar outra xícara de chá comigo e com seu marido, sra. Randall? Fizemos uma descoberta extremamente gratificante.

Pude notar que, apesar do aparente comedimento externo, ele estava esfuziante de alegria com o que quer que tivessem descoberto, como um garotinho com um sapo no bolso. Obviamente, eu teria que ir ler a conta da lavanderia do capitão Jonathan Randall, o recibo do conserto das botas ou algum outro documento igualmente fascinante.

Frank estava tão absorto com os papéis corroídos que mal ergueu os olhos quando entrei no gabinete. Entregou-os relutantemente nas mãos gorduchas do vigário e deu a volta para ficar de pé atrás dele e espreitar por cima de seu ombro, como se não pudesse suportar que os papéis ficassem fora de sua vista nem por um instante.

– Sim? – disse educadamente, manuseando os pedaços de papéis encardidos.
– Hummm, sim, muito interessante. – Na realidade, a caligrafia manuscrita floreada estava tão desbotada e era tão rebuscada que não parecia valer a pena decifrá-la. Uma folha, mais bem preservada do que o resto, ostentava uma espécie de timbre no topo.

– O duque de... Sandringham, não é? – perguntei, analisando atentamente o timbre, com a figura desbotada de um leopardo deitado e as letras impressas embaixo, mais nítidas do que o texto manuscrito.

– Sim, isso mesmo – disse o vigário, ainda mais radiante. – Um título agora já extinto, como sabe.

Eu não sabia, mas confirmei inteligentemente com um aceno da cabeça, conhecendo como eu conhecia os historiadores no afã desvairado da descoberta. Raramente era necessário mais do que assentir de vez em quando, exclamando “Ah, é mesmo?” ou “Absolutamente fascinante!” a intervalos apropriados.

Após certa dose de troca de deferências entre Frank e o vigário, o último ganhou a honra de me contar a respeito da descoberta. Evidentemente, toda aquela papelada velha indicava que o antepassado de Frank, o famoso Black Jack Randall, não fora apenas um valente soldado da Coroa, mas um agente de confiança – e secreto – do duque de Sandringham.

– Quase um agente provocador, não diria, sr. Randall? – O vigário elegantemente passou a bola de volta para Frank, que não perdeu a oportunidade.

– Sim, é verdade. A linguagem é muito velada, é claro... – Virou as páginas delicadamente com o indicador bem limpo.

– Ah, é mesmo? – exclamei.

– Mas parece, por esses documentos, que Jonathan Randall foi incumbido da tarefa de trazer à luz sentimentos jacobitas, se existia algum, entre as proeminentes famílias escocesas de sua área. O objetivo era eliminar qualquer baronete e chefe de clã que pudesse estar abrigando simpatias secretas nessa direção. Mas isso é estranho. O próprio Sandringham não era suspeito de ser um jacobita? – Frank se virou para o vigário com o cenho franzido, numa expressão inquisidora. A cabeça lisa e careca do vigário se enrugou numa expressão idêntica.

– Ora, sim, acho que tem razão. Mas espere, vamos verificar no Cameron. – Deu um salto em direção às prateleiras de livros, abarrotadas de volumes com capa de couro. – Certamente ele menciona Sandringham.

– Absolutamente fascinante – murmurei, deixando minha atenção se desviar para a enorme placa de cortiça que revestia uma das paredes do gabinete, do chão ao teto.

Estava coberta com uma impressionante diversidade de objetos; a maioria papéis de algum tipo, contas de gás, correspondências, avisos do Conselho Diocesano, páginas soltas de romances, bilhetes de próprio punho do vigário, mas também pequenos itens como chaves, tampas de garrafas e o que pareciam pequenas peças de carro, presas com tachas e barbante.

Dei uma olhada lânguida pela miscelânea, mantendo um dos ouvidos atento à discussão que transcorria atrás de mim. (O duque de Sandringham provavelmente foi um jacobita, concluíram.) Minha atenção foi atraída por um mapa genealógico, pregado com cuidado especial, à parte, com quatro tachas, uma em cada canto. O topo do mapa incluía nomes datados do começo do século XVII. Mas foi o nome na parte inferior do mapa que chamou minha atenção: “Roger W. (MacKenzie) Wakefield.”

– Desculpe-me – disse, interrompendo uma discussão final sobre o leopardo no timbre do duque ter um lírio na pata ou um açafraão. – Essa é a árvore genealógica de seu filho?

– Hein? Ah, sim, é, sim. – Tendo a atenção desviada, o vigário se aproximou às pressas, mais uma vez radiante. Despreendeu cuidadosamente o mapa da parede e colocou-o na mesa à sua frente.

– Não queria que ele esquecesse a própria família – explicou. – É uma linhagem muito antiga, do século XVI. – O dedo indicador grosso e curto traçou a linha de descendência quase reverentemente.

– Dei-lhe meu próprio nome porque me pareceu mais adequado, já que ele vive aqui, mas não queria que esquecesse suas origens. – Deu um sorriso contrafeito. – Receio que minha própria família não seja nada de se orgulhar, em termos de genealogia. Vigários e curas, com um ou outro livreiro para variar, e só pode ser rastreada até 1762. Registros bastantes falhos, sabe – disse, abanando a cabeça pesarosamente diante da letargia de seus antepassados.

Já estava ficando tarde quando finalmente deixamos a residência do vigário, que prometeu levar as cartas para a cidade e copiá-las logo de manhã cedo. Frank foi tagarelando alegremente sobre espões e jacobitas durante a maior parte do caminho de volta à pousada da sra. Baird. Finalmente, entretanto, ele notou meu silêncio.

– O que foi, amor? – perguntou, segurando meu braço atenciosamente. – Não está se sentindo bem? – A pergunta foi feita num tom misto de preocupação e esperança.

– Não, estou perfeitamente bem. Só estava pensando... – hesitei, porque já havíamos discutido a questão anteriormente. – Estava pensando em Roger.

– Roger?

Fiz um gesto de impaciência.

– Francamente, Frank! Como pode ser tão... desligado?! Roger, o filho do reverendo Wakefield.

– Ah. Sim, é claro – disse vagamente. – Uma criança adorável. O que tem ele?

– Bem... é que existem muitas crianças como ele. Órfãs.

Lançou-me um olhar penetrante e balançou a cabeça.

– Não, Claire. Realmente, eu gostaria, mas já lhe disse como eu me sinto a respeito da adoção. É que... eu não iria ficar confortável com uma criança que não fosse... bem, do meu próprio sangue. Sei que isso é ridículo e egoísta da minha parte, mas é assim que eu me sinto. Talvez mude de ideia com o tempo, mas agora... – Andamos alguns passos num silêncio pesado. De repente, ele parou e se virou para mim, tomando minhas mãos.

– Claire – disse com voz rouca –, eu quero o nosso filho. Você é a coisa mais importante do mundo para mim. Quero que seja feliz, acima de tudo, mas quero... bem, quero você para mim. Receio que uma criança de fora, com quem não temos nenhum relacionamento verdadeiro, venha a ser um intruso e eu me ressentiria disso. Mas poder lhe dar um filho, vê-lo crescer em você, vê-lo nascer... eu o veria como se fosse mais uma... extensão de você, talvez. E de mim. Uma parte verdadeira da família. – Seus olhos estavam arregalados, suplicantes.

– Sim, tudo bem. Eu compreendo. – Estava disposta a abandonar o assunto, por enquanto. Virei-me para continuar andando, mas ele tomou-me em seus braços.

– Claire. Eu amo você. – A ternura em sua voz era irresistível e apoiei minha cabeça em seu casaco, sentindo seu calor e a força de seus braços em volta de mim.

– Eu também amo você. – Ficamos ali abraçados por alguns instantes, balançando ligeiramente ao vento que varria a rua. De repente, Frank recuou um pouco, sorrindo para mim.

– Além disso – disse num sussurro, alisando meus cabelos revoltos pelo vento –, nós ainda não desistimos, não é?

Devolvi o sorriso.

– Não.

Tomou minha mão, enfiando-a carinhosamente na dobra do braço, e voltamos na direção de nossa hospedaria.

– Pronta para uma nova tentativa?

– Sim. Por que não? – Caminhamos a passos largos, de mãos dadas, em direção à Gereside Road. Foi a visão de Baragh Mhor, a pedra do povo picto que se ergue na esquina, que me fez lembrar de outro monumento antigo.

– Eu me esqueci! – exclamei. – Tenho algo impressionante para lhe mostrar. – Frank abaixou os olhos para mim e puxou-me mais para junto de si. Apertou minha mão.

– Eu também – disse, rindo. – Você pode me mostrar o seu amanhã.

No entanto, quando o amanhã chegou, tínhamos outras coisas para fazer. Eu me esquecera de que havíamos planejado uma viagem de um dia ao Great Glen, o extenso vale do lago Ness.

Era uma longa viagem através do vale e saímos bem cedo, antes do nascer do sol. Depois da corrida no amanhecer gelado para o carro que nos aguardava, era reconfortante relaxar sob a manta que cobria nossas pernas e sentir o calor retornando aos pés e às mãos. Com ele, veio uma deliciosa sonolência e senti-me adormecer tranquilamente no ombro de Frank, a cabeça do motorista em silhueta contra o céu vermelho da aurora sendo a minha última visão consciente.

Já passava das nove horas quando chegamos e o guia que Frank contratara nos aguardava na margem do lago com um pequeno barco.

– Se estiver de acordo, senhor, pensei em darmos uma volta no lago até o Castelo Urquhart. Talvez possamos fazer um lanche lá, antes de continuar. – O guia, um homenzinho austero, vestindo uma camisa de algodão e calças de sarja surradas, guardou um cesto de piquenique cuidadosamente sob o banco e me ofereceu a mão calejada para me ajudar a descer para o fundo do barco.

Era um lindo dia, com a florescente vegetação das margens íngremes refletindo-se nebulosamente na superfície ondulada do lago. Nosso guia, apesar do ar severo, era comunicativo e bem informado, apontando ilhas, castelos e ruínas que ladeavam o lago longo e estreito.

– Lá está. Aquele é o Castelo Urquhart. – Apontou para uma muralha lisa de pedra, pouco visível entre as árvores. – Ou o que restou dele. Foi amaldiçoado pelas bruxas do vale e presenciou uma desgraça atrás da outra.

Contou-nos a história de Mary Grant, filha do senhor do Castelo Urquhart, e de seu amante, Donald Donn, poeta e filho de MacDonald de Bohuntin. Eles eram proibidos de se encontrar por causa da objeção do pai dela aos hábitos de Donald de “surrupiar” qualquer cabeça de gado que achasse (uma profissão antiga e honrada das Terras Altas, segundo nos assegurou o guia), mas desobedeciam à ordem. O pai ficou sabendo, Donald foi atraído para um falso local de encontro e capturado. Condenado à morte, suplicou para ser decapitado como um cavaleiro, em vez de enforcado como um criminoso. Seu pedido foi atendido e o jovem se dirigiu ao cadafalso repetindo “O Diabo se apossará do Senhor de Grant e Donald Donn não será enforcado”. Não foi e a lenda diz que, quando sua cabeça decapitada rolou do cadafalso, ela falou, dizendo: “Mary, levante a minha cabeça.”

Estremeci e Frank passou o braço ao meu redor.

– Resta um trecho de um de seus poemas – disse ele serenamente. – De Donald Donn. Diz o seguinte:

“Amanhã deverei estar numa colina, sem a cabeça.
Não tem compaixão de minha triste donzela,
Minha Mary, de cabelos louros e olhos meigos?”

Segurei sua mão e apertei-a de leve.

À medida que as histórias de traição, assassinato e violência eram recontadas, parecia que o lago fazia jus à sua sinistra reputação.

– E o monstro? – perguntei, espreitando pela beirada do barco as profundezas sombrias. Parecia perfeitamente adequado àquele cenário.

Nosso guia deu de ombros e cuspiu na água.

– Bem, o lago é estranho, quanto a isso não resta dúvida. Há histórias, é verdade, de algo antigo e maligno que um dia viveu nas profundezas do lago. Sacrifícios foram feitos a ele. Vacas, e às vezes até mesmo criancinhas, lançadas às águas em cestos de vime. – Cuspiu outra vez. – E alguns dizem que o lago não tem fundo. Tem um buraco no centro mais profundo do que qualquer outro na Escócia. Por

outro lado – os olhos enrugados do guia apertaram-se um pouco mais –, houve uma família aqui de Lancashire há alguns anos que foi correndo à delegacia em Invermoriston, gritando que havia visto o monstro sair da água e se esconder no meio das samambaias. Disseram que era uma terrível criatura, coberta de pelos vermelhos e chifres assustadores, e mastigava alguma coisa, com o sangue escorrendo da boca. – Ergueu uma das mãos, estancando minha exclamação horrorizada. – O policial que mandaram para investigar voltou e disse que, bem, exceto pelo sangue gotejante, era uma descrição bem precisa – fez uma pausa para causar impacto –, de uma bela vaca das Terras Altas, ruminando samambaias!

Seguimos de barco até a metade do lago antes de desembarcar para um lanche tardio. Encontramos o carro lá e voltamos nele pelo vale, não vendo nada mais sinistro do que uma raposa-vermelha na estrada, que nos olhou espantada, com um pequeno animal pendendo frouxamente de suas mandíbulas, quando viramos uma curva em grande velocidade. Ela saltou para a beira da estrada e fugiu, rápida como uma sombra.

Já estava bem tarde quando finalmente cambaleamos pelo caminho de entrada da pousada, mas permanecemos agarrados um ao outro na soleira da porta enquanto Frank tateava os bolsos em busca da chave, ainda rindo dos acontecimentos do dia.

Somente quando já nos despíamos para ir dormir é que eu me lembrei de mencionar o círculo de pedras em miniatura, em Craigh na Dun. Seu cansaço desapareceu instantaneamente.

– Verdade? E você sabe onde fica? Que maravilha, Claire! – Ficou exultante e começou a remexer em sua mala.

– O que está procurando?

– O despertador – respondeu, retirando-o.

– Para quê? – perguntei, espantada.

– Quero me levantar bem cedo para vê-las.

– Quem?

– As bruxas.

– Bruxas? Quem lhe disse que há bruxas?

– O vigário – respondeu Frank, claramente divertindo-se com a história. – A governanta dele é uma das bruxas.

Pensei na digna sra. Graham e torci o nariz com ar zombeteiro.

– Não seja ridículo!

– Bem, na verdade, não são bruxas. Existem bruxas por toda a Escócia há centenas de anos. Eram queimadas até quase o limiar do século XIX. Mas este

grupo na verdade pretende ser de druidisas ou algo parecido. Não creio que seja realmente uma congregação de bruxas, quero dizer, não são adoradoras do diabo. Mas o vigário disse que há um grupo local que ainda observa rituais nos dias das antigas festas do sol. Ele não pode se dar ao luxo de se interessar muito por tais acontecimentos, sabe, por causa de sua posição, mas também é um homem curioso demais para ignorá-los completamente. Ele não sabia onde as cerimônias eram realizadas, mas se há um círculo de pedras próximo, deve ser lá. – Esfregou as mãos em expectativa. – Que sorte!

Acordar uma vez de madrugada para se aventurar num passeio já é uma travessura. Duas vezes em dois dias cheira a masoquismo.

Desta vez, nem sequer tínhamos um bom carro aquecido com mantas e garrafas térmicas. Segui Frank aos tropeções colina acima, dando topadas em raízes e pedras. Estava frio e enevoado, e enfiei as mãos mais fundo nos bolsos do meu cardigã.

Um último impulso no topo da colina e o monumento megalítico estava diante de nós, os blocos de pedra quase invisíveis na meia-luz que antecedia o alvorecer. Frank parou imóvel, fascinado, admirando-os, enquanto eu me deixava cair sobre uma rocha convenientemente situada, arfando.

– Lindo – murmurou ele. E deslizou silenciosamente até a borda externa do círculo, a figura indistinta desaparecendo entre os vultos maiores das pedras. Lindas elas eram e muito estranhas também. Estremeci e não inteiramente por causa do frio. Se quem quer que as tenha erguido tinha a intenção de impressionar, sabia o que estava fazendo.

Frank voltou num instante.

– Ninguém aqui ainda – sussurrou de repente por trás de mim, fazendo-me dar um salto. – Venha, encontrei um lugar de onde podemos observar.

A luz começava a subir do leste, apenas um matiz de cinza-claro no horizonte, mas o suficiente para impedir que eu tropeçasse enquanto Frank me conduzia por uma fresta que encontrara em alguns arbustos de amieiro perto do alto da trilha. Havia uma pequena clareira dentro do amontoado de arbustos, espaço apenas suficiente para ficarmos de pé, lado a lado. No entanto, a trilha era perfeitamente visível, assim como o interior do círculo de pedras, a não mais do que 6 metros de distância. Não pela primeira vez, eu me perguntava que tipo de trabalho Frank realizara durante a guerra. Ele sem dúvida parecia saber se mover silenciosamente no escuro.

Sonolenta como estava, só queria me enroscar sob um arbusto aconchegante e voltar a dormir. Entretanto, não havia lugar para isso e, assim, continuei de pé, espreitando a trilha íngreme em busca das druidisas que estavam para chegar. Estava ficando com torcicolo e meus pés doíam, mas não deveria demorar muito mais; o fio de luz a leste tornara-se rosa-claro e calculei que deveria faltar menos de meia hora para o raiar do dia.

A primeira locomovia-se quase tão silenciosamente quanto Frank. Ouviu-se apenas um leve farfalhar quando seus pés deslocaram um cascalho perto do topo da colina e, em seguida, a cabeça grisalha bem penteada surgiu silenciosamente no campo de visão. A sra. Graham. Então, era verdade. A governanta do vigário estava adequadamente vestida com uma saia de tweed e um casaco de lã, carregando uma trouxa branca embaixo do braço. Desapareceu atrás de uma das pedras verticais, silenciosa como um fantasma.

Elas chegaram bem rapidamente depois disso, sozinhas, em duas ou em três, com risinhos e sussurros contidos ao longo da trilha, mas que eram rapidamente silenciados quando avistavam o círculo.

Reconheci algumas delas. Lá vinha a sra. Buchanan, a agente dos correios da vila, cabelos louros recentemente ondulados com permanente e o aroma de Evening in Paris desprendendo-se fortemente de seus cachos. Reprimi o riso. Então era assim uma druidisa moderna!

Eram quinze ao todo, todas mulheres, variando em idade dos 60 anos da sra. Graham a uma jovem de 20 e poucos anos, que eu vira empurrando um carrinho de bebê pelas lojas havia dois dias. Todas estavam vestidas para uma caminhada difícil, com trouxas embaixo do braço. Com um mínimo de conversa, desapareceram atrás das pedras ou de arbustos, emergindo de mãos vazias e braços nus, completamente vestidas de branco. Senti o aroma de sabão em pó quando uma delas roçou nosso aglomerado de arbustos e reconheci os trajes como lençóis, enrolados em torno do corpo e amarrados em um dos ombros.

Reuniram-se fora do círculo de pedras, em uma fila da mais velha para a mais nova, e ficaram paradas em silêncio, à espera. A luz no leste tornou-se mais forte.

Quando o sol começou a subir lentamente no horizonte, a fila de mulheres moveu-se, caminhando devagar entre duas das pedras. A líder levou-as diretamente para o centro do círculo e começaram a dar voltas, ainda movendo-se lentamente, majestosas como cisnes em uma procissão circular.

De repente, a líder parou, ergueu os braços e deu um passo para o centro do círculo. Erguendo o rosto para o par de pedras mais a leste, deu um brado forte. Não foi um grito, mas suficientemente claro para ser ouvido em todo o círculo.

A névoa imóvel captou as palavras e as fez ecoar, com se viessem de toda parte, das próprias pedras.

Qualquer que tenha sido o brado, foi repetido pelas dançarinas. Porque agora eram dançarinas. Sem se tocar, mas mantendo os braços estendidos em direção umas das outras, elas balançavam-se e zigzagueavam, ainda movendo-se em círculos. De repente, o círculo se dividiu ao meio. Sete das dançarinas passaram a se mover no sentido horário, ainda num movimento circular. As outras se moviam na direção oposta. Os dois semicírculos passavam um pelo outro a uma velocidade cada vez maior, às vezes formando um círculo completo, às vezes uma linha dupla. E, no centro, a líder mantinha-se imóvel, repetindo de vez em quando aquele brado triste e agudo, em uma língua há muito esquecida.

Deveriam parecer ridículas e talvez fossem. Um bando de mulheres enroladas em lençóis, muitas delas corpulentas e desajeitadas, desfilando em círculos no alto de uma colina. Mas os cabelos de minha nuca ficaram em pé ao som daquele grito.

Pararam todas ao mesmo tempo e voltaram-se de frente para o sol, formando dois semicírculos, com um caminho perfeitamente definido entre as duas metades do círculo assim formado. Conforme o sol subia no horizonte, sua luz fluía entre as pedras do leste, estendia-se entre as metades do círculo e atingia a majestosa pedra dividida ao meio do outro lado do monumento.

As dançarinas ficaram paradas por alguns instantes, imóveis nas sombras de cada lado do raio de luz. Então a sra. Graham disse alguma coisa na mesma língua estranha, mas desta vez num tom de voz normal. Girou nos calcanhares e caminhou, empertigada, as ondas grisalhas dos cabelos brilhando ao sol, ao longo da faixa de luz. Sem uma palavra, as dançarinas seguiram-na. Passaram uma a uma pela fenda na pedra principal e desapareceram em silêncio.

Ficamos agachados nos amieiros até as mulheres, agora rindo e conversando normalmente, recuperarem suas roupas e partirem em grupo colina abaixo, para tomar café na casa do vigário.

– Meu Deus! – Estiquei-me, tentando desfazer a rigidez das minhas pernas e costas. – Que cena, hein?

– Maravilhosa! – exclamou Frank, entusiasmado. – Eu não teria perdido isso por nada no mundo. – Deslizou como uma cobra para fora dos arbustos, deixando-me sozinha para me desvencilhar do mato, enquanto ele andava de um lado para outro no interior do círculo, o nariz voltado para o solo como um cão de caça.

– O que está procurando? – perguntei. Entrei no círculo com alguma hesita-

ção, mas o dia já nascera completamente e as pedras, embora ainda impressionantes, haviam perdido muito do ar ameaçador da penumbra do alvorecer.

– Marcas – respondeu, arrastando-se de quatro, os olhos atentos à relva curta.

– Como sabiam onde começar e onde parar?

– Boa pergunta. Eu não estou vendo nada. – Lançando um olhar ao solo, entretanto, o que realmente vi foi uma planta interessante que crescia na base de uma das pedras verticais. Miosótis? Não, provavelmente não. Eram flores de um azul-escuro com centros cor de laranja. Intrigada, comecei a caminhar em direção a ela. Frank, com a audição mais aguçada do que a minha, ficou de pé num salto e agarrou meu braço, tirando-me apressadamente do círculo um segundo antes de uma das dançarinas da manhã surgir do outro lado.

Era a srta. Grant, a mulher gorducha que, tendo em vista sua figura, administrava a confeitaria da High Street na cidade. Olhou à sua volta apertando os olhos, depois remexeu no bolso à procura dos óculos. Pendurando-os no nariz, deu uma volta pelo círculo, finalmente lançando-se sobre a presilha de cabelo que havia perdido e pela qual voltara. Tendo recolocado-a no lugar em suas mechas grossas e brilhantes, não parecia com nenhuma pressa de retornar ao trabalho. Em vez disso, sentou-se em uma rocha, recostou-se em uma das pedras gigantes em clima de camaradagem e acendeu um cigarro.

Frank deu um suspiro abafado de exasperação a meu lado.

– Bem – disse, resignado –, é melhor irmos. Ela pode ficar lá sentada pelo resto da manhã, ao que parece. E não vi nenhuma marca óbvia, de qualquer modo.

– Talvez possamos voltar mais tarde – sugeri, ainda curiosa com a trepadeira de flores azuis.

– Sim, está bem. – Mas ele obviamente havia perdido o interesse no círculo em si, estando agora absorto nos detalhes da cerimônia. Interrogou-me implacavelmente no caminho de volta, incitando-me a lembrar o mais detalhadamente possível as palavras exatas dos brados e o compasso da dança.

– Escandinavo – disse finalmente, com satisfação. – As raízes das palavras são do escandinavo antigo, tenho quase certeza. Mas a dança – balançou a cabeça, ponderando. Não, a dança é muito mais antiga. Não que não existam danças vikings em círculo – disse, erguendo as sobrancelhas com ar de censura, como se eu tivesse sugerido isso. – Mas aquela mudança de lugar com a fileira dupla, isso é... hummm, é como... bem, alguns dos desenhos nas cerâmicas dos beakers, mostram um padrão parecido, mas por outro lado... hummm.

Entrou em um de seus transe eruditos, murmurando para si mesmo de vez em quando. O transe foi quebrado somente quando tropeçou inesperadamente

em um obstáculo perto da base do monte. Lançou os braços no ar com um grito de surpresa quando tropeçou e rolou desajeitadamente pelos últimos metros da trilha, indo parar numa moita de erva-cicutária.

Disparei ladeira abaixo atrás dele, mas encontrei-o já sentado entre os ramos trêmulos da planta quando consegui chegar ao sopé da colina.

– Você está bem? – perguntei, embora pudesse ver que estava.

– Acho que sim. – Passou a mão, aturdido, pela testa, alisando os cabelos escuros para trás. – Em que foi que eu tropecei?

– Nisto. – Ergui uma lata de sardinha, descartada por algum visitante anterior.

– Uma das ameaças da civilização.

– Ah. – Pegou-a da minha mão, olhou seu interior, depois a atirou por cima do ombro. – Pena que está vazia. Estou com fome depois desta excursão. Vamos ver o que a sra. Baird pode arranjar para um café da manhã tardio?

– Vamos – concordei, arrumando as últimas mechas de cabelo para ele. – Mas, em vez disso, podemos almoçar cedo. – Nossos olhos se encontraram.

– Ah – repetiu, num tom completamente diferente. Passou a mão lentamente pelo meu braço e pelo lado do meu pescoço, o polegar tocando delicadamente o lóbulo da minha orelha. – Podemos, sim.

– Se você não estiver com muita fome – falei. A outra mão deslizou para as minhas costas. Com a mão espalmada, pressionou-me gentilmente contra ele, os dedos descendo cada vez mais. Sua boca abriu-se ligeiramente e ele respirou, bem de leve, pela gola do meu vestido, seu hálito morno fazendo cócegas nos meus seios.

Deitou-me cuidadosamente na grama, as flores da erva-cicutária parecendo plumas flutuando no ar em volta da minha cabeça. Inclinou-se e beijou-me, devagar, e continuou me beijando enquanto desabotoava minha blusa, um botão de cada vez, provocando, parando para enfiar a mão dentro do meu vestido e brincar com os bicos enrijecidos dos meus seios. Finalmente, fiquei com o vestido aberto do pescoço à cintura.

– Ah – disse mais uma vez, num tom diferente. – Como veludo branco. – Sua voz era rouca e seus cabelos haviam caído para a frente outra vez, mas ele não fez nenhuma tentativa de arrumá-los para trás.

Soltou o fecho do meu sutiã com um eficiente toque do polegar e inclinou-se para prestar uma hábil homenagem aos meus seios. Depois recuou e, segurando meus seios com as duas mãos, juntou as palmas lentamente até se encontrarem entre as duas protuberâncias e, sem parar, afastou-as novamente, traçando a linha das minhas costelas para trás. Para cima outra vez, para baixo e ao redor, até eu

gemer e curvar-me para ele. Mergulhou os lábios nos meus e apertou-me contra seu corpo, até nossos quadris encaixarem-se perfeitamente. Inclinou a cabeça para mim, mordendo de leve o lóbulo da minha orelha.

A mão que acariciava minhas costas desceu cada vez mais, parando repentinamente com a surpresa. Tateou de novo, depois Frank ergueu a cabeça e olhou para mim, rindo.

– O que é isso? – perguntou, imitando um policial da vila. – Ou melhor, o que não é isso?

– Estou sempre preparada – respondi, afetadamente. – As enfermeiras aprendem a se antecipar às contingências.

– Realmente, Claire – murmurou, deslizando a mão por baixo da minha saia e subindo pela coxa até o calor macio e desprotegido entre minhas pernas –, você é a pessoa mais terrivelmente prática que já conheci.

Frank surgiu por trás de mim quando eu estava sentada na sala de visitas naquela noite, com um grande livro aberto no colo.

– O que está fazendo? – perguntou. As mãos descansaram delicadamente sobre meus ombros.

– Procurando por aquela planta – respondi, colocando o dedo entre as páginas para marcar o lugar. – A que vi no círculo de pedras. Veja... – Abri o livro. – Poderia estar nas *Campanulaceae* ou nas *Gentianaceae*, nas *Polemoniaceae*, nas *Boraginaceae*. Esta é bem provável, eu acho, miosótis, mas poderia até mesmo ser uma variante desta, a *Anemone patens*. – Apontei para a ilustração colorida de uma pulsatila. – Não acho que seja uma genciana de qualquer espécie; as pétalas não eram bem redondas, mas...

– Bem, por que não volta lá e pega uma amostra? – sugeriu. – O sr. Crook poderia lhe emprestar seu calhambeque, talvez, ou... Não, tenho uma ideia melhor. Peça o carro da sra. Baird emprestado, é mais seguro. É uma caminhada curta da estrada ao sopé da colina.

– E depois mais ou menos mil metros de subida até o topo – disse. – Por que está tão interessado nessa planta? – Girei o corpo para olhar para ele. O abajur da sala contornava sua cabeça com uma fina linha dourada, como a gravura medieval de um santo.

– Não é na planta que estou interessado. Mas se você for até lá de qualquer modo, gostaria que desse uma olhada pelo lado de fora do círculo.

– Tudo bem – respondi, prestativa. – Para procurar o quê?

– Vestígios de fogo – disse ele. – Em tudo que pude ler sobre Beltane, o fogo é sempre mencionado nos rituais, mas as mulheres que vimos hoje de manhã não o usaram. Imagino se talvez não tenham acendido o fogo de Beltane na noite anterior, depois voltado de manhã para a dança. Embora, historicamente, fossem os cuidadores de gado que deveriam acender o fogo. Não havia nenhum sinal de fogueira no interior do círculo – acrescentou. – Mas viemos embora antes de eu pensar em verificar a parte de fora.

– Está bem – concordei novamente, bocejando. O fato de acordar cedo dois dias seguidos estava cobrando sua dívida. Fechei o livro e me levantei. – Desde que eu não tenha que me levantar antes das nove.

Na verdade, eram quase onze horas quando cheguei ao círculo de pedras. Chuviscava e eu estava inteiramente molhada, não tendo pensado em levar uma capa. Fiz um exame superficial do lado de fora do círculo, mas se alguma vez houve uma fogueira ali, alguém se dera ao trabalho de remover todos os vestígios.

A planta foi mais fácil de encontrar. Estava onde eu me lembrava de tê-la visto, junto à base da pedra vertical mais alta. Peguei várias amostras da trepadeira e guardei-as provisoriamente no meu lenço, pretendendo lidar com elas adequadamente quando voltasse ao minúsculo carro da sra. Baird, onde deixara as pesadas prensas.

A pedra mais alta do círculo era fendida, com uma fissura vertical dividindo-a em duas partes enormes. Estranhamente, as duas partes haviam sido afastadas de algum modo. Embora fosse possível ver que as duas superfícies de frente uma para a outra se encaixavam, estavam separadas por uma brecha de quase 1 metro.

Havia um zumbido profundo vindo de algum lugar bem próximo. Imaginei que deveria haver uma colmeia alojada em algum nicho da rocha e coloquei a mão sobre a pedra, a fim de inclinar-me para dentro da fenda.

A pedra soltou um grito.

Recuei o mais depressa que pude, tão depressa que tropecei na relva curta e caí sentada com toda a força. Fitei a pedra, espantada, suando.

Nunca ouvira um som semelhante de nenhum ser vivo. Não é possível descrevê-lo, exceto dizer que era o tipo de grito que se poderia esperar de uma pedra. Era horrível.

As outras pedras começaram a gritar. Ouvi sons de batalha, os gritos de homens morrendo e cavalos feridos.

Balancei a cabeça violentamente para clareá-la, mas o barulho continuou. Levantei-me aos tropeções e cambaleei em direção à margem do círculo. Os sons estavam por todo lado à minha volta, fazendo meus dentes doerem e minha cabeça girar. Minha visão começou a ficar turva.

Não sei agora se caminhei em direção à fenda na pedra principal ou se isso foi acidental, um deslocamento cego pelo nevoeiro de barulho.

Certa vez, viajando à noite, adormeci no banco do carona de um carro em movimento, embalada pelo barulho e pelo deslocamento, até a ilusão de uma serena ausência de peso. O motorista do carro entrou numa ponte a uma velocidade alta demais e perdeu o controle do carro. Acordei do meu sonho de estar flutuando direto no clarão de faróis e na sensação nauseante de estar caindo em alta velocidade. Essa transição brusca é o mais próximo que posso chegar para descrever a sensação que experimentei, mas ainda deixa muito a desejar.

Poderia dizer que meu campo de visão contraiu-se a um único ponto escuro, depois desapareceu completamente, sem deixar nenhuma escuridão, mas apenas um brilhante vazio. Poderia dizer que senti como se estivesse girando ou como se estivesse sendo virada do avesso. Tudo isso é verdade, mas nenhuma dessas comparações transmite a sensação que tive de total perturbação, de estar sendo atirada com força contra alguma coisa que não estava lá.

A verdade é que nada se movia, nada mudava, nada parecia acontecer e, ainda assim, eu experimentava uma sensação de terror tão grande que perdi completamente a noção de quem ou o quê eu era, de onde me encontrava. Estava no âmago do caos e nenhuma força física ou mental era útil contra isso.

Não conseguiria dizer realmente se perdi a consciência, mas sem dúvida não tive noção de mim mesma durante algum tempo. “Acordei”, se essa for a palavra, quando tropecei numa pedra perto da base do monte. Praticamente resvalei pelos poucos metros restantes e acabei num espesso tufo de capim ao pé da colina.

Estava enjoada e tonta. Arrastei-me até um aglomerado de carvalhos novos e apoiei-me contra um deles para me equilibrar. Havia uma gritaria confusa perto dali, que me fez lembrar dos sons que eu ouvira – e sentira – no círculo de pedras. Não havia, entretanto, o tom estridente de violência inumana. Aquele era o som normal de conflito humano e eu segui em sua direção.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

